

Crónica de onomástica paleo-hispânica (29)

*DGPC

António Marques de Faria
afaria@dgpc.pt

O autor escreve
segundo o Acordo
Ortográfico de 1945

Resumo Prosseguimos a nossa série de comentários, quase todos publicados em anteriores volumes desta mesma revista, relativos a diversos nomes próprios pré-romanos, que se documentam sobretudo em território hispânico.

Abstract We continue our series of comments, almost all of which have been published in previous volumes of this same journal, concerning several pre-Roman proper names, which are documented mainly in Hispanic territory.

aCaTeruTuan. Testo de chumbo. Piquía (Arjona, Jaén). Ferrer, 2018a, pp. 144–149.

Através do exame exaustivo do chamado signo S65 (De Hoz, 2011, p. 740) pertencente ao silabário do SE, Ferrer (2018a, *passim*) demonstrou cabalmente que o mesmo deve ser transliterado como <a>, e não como <e> (De Hoz, 2011, p. 179; Faria, 2012, pp. 96–97).

No tocante à sequência em análise, ao arripio da exegese subscrita por Ferrer (2018a, pp. 162–163), julgamos bastante verosímil a individualização de um NP céltico *Deruduan(n^o)os, uma vez reconhecida a ocorrência do afixo **aCa**, que já tínhamos identificado em **aCailTirTeCera** (Faria, 1990–1991, pp. 75, 85; 1991a, p. 188; 2012, p. 96).

Nesta conformidade, *deru* (*deru-* em composição antes de oclusiva) (Billy, 1993, p. 62; Degavre, 1998, p. 188; Matasović, 2009, p. 96; Delamarre, *DLG*, p. 141; 2019, p. 285) deverá configurar o primeiro segmento do NP em questão — a menos que se trate de *dero-* (Delamarre, 2019, p. 285) —, ao passo que o componente final deverá identificar-se com o radical do NP (feminino, no único testemunho conhecido) DVANNA (Prósper, 2002, pp. 419–420).

agiñtigi. Placa de chumbo. El Tossal de La Balaguera (La Pobla Tornesa, Castelló). Allepuz, 2001, p. 179 e Fig. 85:6.

Este NP ibérico (Faria, 2002a, p. 234; 2003a, p. 211; Rodríguez, 2002a [2003a], p. 39 e n. 25), é um dos muitos nomes próprios em cuja composição entra o sufixo *-tigi*, sendo os outros *Artigi* (*TIR*, J-30, p. 89; Silgo, 2013, p. 58), *Astigi* (*TIR*, J-30, p. 91; Pérez Vilatela, 1998, p. 162; Silgo, 2000, p. 290; 2013, pp. 62–64; Faria, 2003a, p. 211) (< **arstigi*³), **auntigi** / *Au(v)τιγυ* (Pérez Vilatela, 1998, *passim*; Faria, 1992–1993, p. 278; 1993, p. 158; 1994a, pp. 66, 69; 1998a, p. 126; 2000a, p. 123; 2003a, p. 211; Silgo, 2013, p. 67), **Cantigi* (*TIR*, J-30, p. 175; Faria, 2003a, p. 211; 2007a, p. 217; 2008a [2009a], p. 81), *Γοροτιγυ* (C.1.9; *MLH* III 1, p. 235), *Lastigi* (*TIR*, J-29, p. 99; Silgo, 2013, pp. 202–203), *LONT(igi)* / *LVNT(igi)* / *OLONT(igi)* / *OLVNT(igi)* (*TIR*, J-29, p. 119; Pérez Vilatela, 1998, p. 162; Faria, 2006, p. 124; 2018a, pp. 119–120; Pérez Orozco, 2009, p. 268; Silgo, 2013, p. 222; v., contudo, outras possíveis segmentações deste NL em Faria, 2006, p. 124), **PiurTiCi** (F.9.3; Oliver, 1978, p. 283; *MLH* III 1, p. 235), **PoToTiCi**

(F.9.5; Silgo, 1994, p. 139; Faria, 1995a, p. 81; 2000b, p. 64; 2003a, p. 211; 2004a, p. 281), *Saltigi* (Faria, 2000a, p. 138; 2003a, pp. 211, 226; 2009 [2010], p. 168; Silgo, 2000, p. 290) e *SOSONTIGI* / *SOSINTIGI* (*TIR*, J30, p. 306; Silgo, 2000, p. 290; 2013, pp. 259–260; Pérez Orozco, 2009, p. 268).

Através da compilação destes testemunhos, pretendemos demonstrar dois factos:

- O sufixo onomástico em análise é mesmo *-tigi* (Faria, 1994a, pp. 66, 69; 1998a, p. 126; 2003a, p. 211; 2007a, p. 217; 2008a [2009a], p. 81; 2009 [2010], p. 168; 2012, p. 95; 2014, p. 178; Untermann, 1995, p. 742; 2001, p. 200; Silgo, 2013, pp. 62–64; Velaza, 2018 [2019], p. 169), e não *-(t)ici* (Gorrochategui & Vallejo, 2018 [2019], p. 355), *-(t)igi* (De Hoz, 1989, pp. 553–554, 563; 2001 [2002], p. 132; Torres, 2002, p. 325), *-igi* (Untermann, 1962, p. 21; Villar, 2000, pp. 249–256; De Hoz, 2001 [2002], pp. 130, 132; 2018a [2019a], p. 153; *DCPH* I, p. 46; Curchin, 2010, p. 20) ou *-ci* (Gorrochategui, 1993, p. 418; Ballester, 2013, pp. 36–37; Gorrochategui & Vallejo, 2018 [2019], p. 355);

- Tanto a extensão da área de distribuição de *-tigi* como a identificação linguística dos elementos onomásticos com os quais combina provam que este elemento faz parte da língua ibérica (Faria, 1994a, pp. 66, 69; 1998a, p. 126; 2003a, p. 211; 2007a, p. 217; 2008a [2009a], p. 81; 2009 [2010], p. 168; 2012, p. 95; 2014, p. 178; Untermann, 1995, p. 742; 2001, p. 200; Velaza, 2018 [2019], p. 169; *contra*, De Hoz, 1989, pp. 553–554, 563; 1995a, pp. 597–598; 1995b, p. 24; 2018a [2019a], p. 153; Gorrochategui, 1993, p. 418; *DCPH* I, p. 46; Torres, 2002, p. 325; Rodríguez, 2005, p. 61; 2007 [2008], p. 105; Gorrochategui & Vallejo, 2018 [2019], p. 355).

À imagem e semelhança de *-tigi*, também *-tugi* e *-turgi* — de preferência a *-ugi* e a *-urgi* (*contra*, De Hoz, 2001 [2002], pp. 130, 131, 132; Faria, 2008a [2009a], p. 86) — configuram sufixos onomásticos ibéricos (Faria, 2003b, pp. 313, 316; 2007a, p. 217; 2008a [2009a], pp. 75, 86; 2008b [2009b], p. 154; Ballester & Turiel, 2009, p. 422; Velaza, 2018 [2019], p. 169; *contra*, De Hoz, 2001 [2002], p. 132; 2018a [2019a], p. 153).

ataio[?]. Tigela de cerâmica cinzenta. *MLH II B.8.13*; Ferrer, 2005 [2006], pp. 964, n. 35, 966, n. 46.

Partindo do pressuposto de que estamos perante um NP completo (Pérez Orozco, 2007, p. 110) — uma conjectura que ganha bastante solidez através da analogia quer com **celtaio** (Faria, 2011 [2012], p. 173; 2013, p. 189; 2015, p. 128), quer com o NF **aTaioCum** em K.1.3, derivado do NP **Attaios* (de preferência a **Ataios*: Untermann, 1996, p. 126) —, sustentámos durante algum tempo que **ataio** consistiria numa iberização do céltico **Attaios* < **Ad-taios* (Faria, 2011 [2012], p. 173; 2015, p. 128).

No entanto, à luz das conclusões a que chegou Correa (1993, p. 103) a propósito de diversos NNP gauleses documentados em ibero e terminados em **-o**, **-u**, o mais provável é que **ataio** pertença à flexão de tema em **-n** e remonte a **Attaiō(n)*.

ATIITAN(us?). Moedas. *Obulco. CNH 141:3*.

Tal como tivemos oportunidade de explicar circunstanciadamente (Faria, 2011 [2012], p. 151), há que ler este NP como ATIITAN, e não, conforme pretende Simón (2019a, p. 74), como ATIT'AM'.

Trata-se, decerto, de um NP, possivelmente abreviado (Faria, 2011 [2012], p. 151), não havendo, do nosso ponto de vista, qualquer razão para secundar Simón (2019a, p. 74) na hesitação por ele revelada acerca da natureza antroponímica de ATIITAN(?). Sem prescindirmos das análises por nós subscritas para este NP (Faria, 2011 [2012], p. 151), vimos agora, com base nas reflexões expendidas por Prósper (2005, pp. 296–297), propor o reenvio do mesmo para uma protoforma céltica **Ad-tex̄t-ānos*.

adinsin. Testo de cerâmica. Burriac (Cabrera de Mar, El Maresme, Barcelona). Aguilar & Pons, 1988, pp. 145–148.

Em prol do rigor historiográfico, descurado neste particular em trabalhos de recente publicação (Ferrer & Escrivá, 2014, p. 213; García & Ferrer, 2016, pp. 198, 200, 215), importa referir que o NP em apreço já tinha sido mencionado por nós com a transliteração adequada (Faria, 1992a, p. 194).

aidutigeí. Placa de chumbo. Ampurias (La

Escala, Gerona). Sanmartí, 1988, p. 103.

Dando continuidade a uma conduta que não podemos deixar de deplorar, Simón (2019b, p. 112, n. 69) sabe perfeitamente que está a enganar os seus leitores ao atribuir a outrem a prioridade na identificação do NP em apreço (Faria, 1990–1991, p. 82; 1994a, p. 68; 2001, p. 96; 2004a, pp. 276, 277; 2004b, p. 175; 2015, p. 125).

arPiśaí. Peso de tear de cerâmica. El Palomar (Oliete, Teruel). Silgo, 2001, p. 348.

Tal como vimos noutra ocasião (Faria, 2012, p. 90), este NP, identificado por Silgo (2001, p. 348), deve segmentar-se em **arPi-śaí** (Untermann, 2002 [2003], p. 357, n. 7).

Afigura-se evidentemente ilegítima a tentativa empreendida por Simón (2018 [2019], p. 18) no sentido de atribuir a Rodríguez (2002–2003 [2005], p. 254) a prioridade quer na identificação, quer na segmentação do supracitado NP, que pode ser o mesmo que se documenta em *MLH III 2 E.5.4* (Simón, 2018 [2019], p. 16). Decorre desta constatação que o NP **arPiśaí** pode estar atestado em dois suportes distintos — e não apenas em E.5.4 (Simón, 2018 [2019], p. 16; *contra*, Silgo, 2001, p. 348; Rodríguez, 2002–2003 [2004], p. 371; Faria, 2012, p. 90) —, mesmo que identifique um só indivíduo.

Além das óbvias diferenças de ordem paleográfica sobretudo no tocante ao quinto signo, não há qualquer motivo para ler em E.5.4 o presumível NP **arPiśCaí* (*MLH III 1*, pp. 210, 225), já que, à luz da comparação com a legenda monetária **PisCarCi** (*CNH 41:31*; Faria, 1996, p. 177; 1999, pp. 153–154; 2000a, p. 126; 2014, p. 168; Ferrer, 2012, pp. 29, 30), esperar-se-ia **arPisCar*.

Durante algum tempo, Rodríguez (2002b [2003b], pp. 254, 262) seguiu Untermann no reconhecimento da existência de **arPiśCaí*, mas, pouco depois, deixou de o fazer (Rodríguez, 2002–2003 [2004], p. 371; 2014, p. 111), sem ter tido a hombridade de mencionar os nomes de quem o instruiu (Faria, 1999, p. 153; 2004b, p. 176; Silgo, 2001, p. 348).

Tentando de novo induzir em erro os seus leitores menos informados, Simón (2018 [2019], p. 20) chega ao extremo de atribuir despudoradamente a Rodríguez (2002b [2003b], p. 254) a autoria da identificação de *śaí* como elemento onomástico ibérico (Faria, 2006, p. 117; 2008b [2009b], p. 150).

arCiPeś. Vaso de cerâmica. San Miguel de Liria (Valência). *MLH III 2 F.13.5.*

Pelas razões que aduzimos noutros momentos (Faria, 1997, p. 107; 1999, p. 154; 2000a, pp. 126–127; 2002b, p. 132; 2003b, p. 316; 2004a, p. 295), nos quais defendemos os méritos de uma segmentação de **arCiPeś** em **arCi-Peś**, nenhuma credibilidade deve ser reconhecida à segmentação deste NP em **arCi-(i)Peś**, obstinadamente postulada por Velaza (2018 [2019], p. 171).

ariTuTinTil / ariTuTinTin. Placa de chumbo. Los Allosos, Montejícar (Granada). Pachón, Fuentes & Hinojosa, 2004, p. 176.

Mesmo depois de Ferrer (2018a, *passim*) ter demonstrado que o chamado signo S65 (De Hoz, 2011, p. 740), pertencente ao silabário do SE, deve ser transliterado como <a>, e não como <e> (De Hoz, 2011, p. 179; Faria, 2012, pp. 96–97), continuamos a preconizar, na sequência gráfica acima transcrita, a identificação de um NP de matriz céltica, **Ritutindilos* ou **Ritutintinos* (Faria, 2011 [2012], p. 176; 2012, pp. 96–97; 2015, p. 130).

Na eventualidade de os quinto e sétimo signos se transliterarem como <e>, impor-se-ia como mais plausível a transliteração **ariTuTuenen**. Estariam assim reunidas as condições para reconhecermos um outro NP céltico — **Ritu(u)enos* ou **Rituenos*, seguido do sufixo ibérico de possessivo *-(e)n* — em alternativa aos acima sugeridos, apresentando *ueni-* como segundo componente ou *-eno-* como sufixo (Faria, 2011 [2012], p. 176; 2012, p. 96).

Se o NP que corresponde à transliteração **CarśuriTu** não for de ascendência ibérica (Faria, 1990–1991, pp. 74, 81; 1991a, p. 190; 1991b, pp. 17–18; 1994a, p. 67; 1994b, pp. 42–43, n.º 112; 1995a, pp. 80, 81; 1995b, p. 326; 1996, p. 158; 1997, p. 106; 1998b, p. 236; 2000a, pp. 122, 130; 2001a, p. 99; 2001b, p. 209; 2002a, p. 240; 2002b, p. 127; 2003a, pp. 213, 215; 2005a, p. 167; 2007a, p. 214), é de admitir que *ritu-* ocorra igualmente no NP subjacente à supracitada transliteração (Prósper, 2005, p. 203; Faria 2011 [2012], pp. 161–162; 2015, p. 128).

Caso não se trate de uma vogal protética (Faria, 2015, p. 130), o <a> inicial deverá cumprir as funções de prefixo, de significado e função sintáctica por enquanto desconhecidos, a exemplo do que se verifica em **a-TiCiriITir-ta**

(Faria, 1990–1991, p. 76; 1994a, p. 68; 1995b, p. 328; 2002a, p. 240; 2004a, p. 310; Rodríguez, 2014, p. 153).

baicařsöcinbaicař. Vaso de prata. Castellet de Banyoles (Tivissa, Tarragona). *MLH III 2 C.21.2.* Cremos que, tal como em **bořs-te.abargebořs-te** (C.2.3), em BELES VMARBELES *F(i)lius* e em ACOS QLSAILACOS, é razoável identificar em **baicařsöcinbaicař** uma sequência formada por NP simples + patrónimo composto (Faria, 2007b, p. 175; 2013, pp. 190–191). Esta nossa hipótese não chegou a ser recolhida por Moncunill & Velaza (*MLH V 2*, p. 117). É nossa convicção que o segmento *söcin* deverá ter origem no amazigue, já que se encontra atestado como NP na epigrafia latina do norte de África, em *Socinus* (EDCS-22000503) e em *Sucinus* (Camps, 2002–2003 [2005], p. 250).

BALCIBIL(us). Tábua de bronze. Roma. *CIL I² 709.*

Tal como informou Simón (2018, p. 43 e n. 18), a sugestão no sentido de encarar BALCIBIL como forma abreviada de **Balcibilus* coube inicialmente a Gómez-Moreno (1949, p. 250), e não, conforme julgávamos (Faria, 2019, pp. 56–57), a Criniti (1970, p. 210).

Cremos serem oportunas algumas linhas a propósito da recente polémica suscitada pela exegese de *balce*, o formante inicial deste e de muitos outros nomes próprios pertencentes à onomástica ibérica.

A nosso ver, estamos perante a adaptação ao ibero do vocábulo céltico *balco-* ‘forte’ (Bähr, 1948, p. 418; Albertos, 1966, pp. 48–49; Criniti, 1970, pp. 207, n. 7, 228; Billy, 1993, p. 22; Degavre, 1998, p. 74; DLG, p. 65; Matasović, 2009, p. 53). Ao contrário do que Silgo (2009 [2010], p. 143) afirma, não corresponde à realidade que Albertos já tivesse perfilhado este mesmo parecer antes de 1966 (designadamente em Albertos, 1961).

Rodríguez, com a condescendência de ilustres referees arregimentados pela revista *Veleia* (Rodríguez, 2018, p. 189, n.*), entendeu por bem encontrar em Delamarre “deficiencias en el uso de datos procedentes de la península ibérica” pelo facto de atribuir uma origem céltica ao elemento *balce-*, presente na antropónimo ibérica (Rodríguez, 2018, p. 208).

Independentemente da validade de algumas análises etimológicas referentes aos termos

celtibéricos **ComPalCes** e **ComPalCoreés** (discutidas em *MLH V* 1, pp. 186–189; Matasović, 2009, p. 53), foi pena que Rodríguez não tivesse consultado a monografia de Delamarre (2012, p. 70), em que este investigador remete para diversos NNP célticos — **Balcinos*, **Balcisios*, **Balgatios*, **Balgentios*, **Balgios* e **Balgittios* — outros tantos NNL situados em território outrora gaulês.

No primeiro volume do seu mais recente livro dedicado à onomástica gaulesa, este mesmo autor recolhe o radical *balco-*, mencionando o NP **Balcinius*, do qual terá derivado o NL *Balcinium* (Delamarre, 2019, p. 108).

Basta que Delamarre tenha acertado num só dos NNP subjacentes aos NNL elencados para que as deficiências boçalmente apontadas por Rodríguez caíam com estrondo sobre o próprio.

Parnai. Tábua de bronze. *Contrebia Belaisca* (Cabazo de las Minas de Botorríta, Saragoça). Untermann, 1996, p. 130.

Por razões que não se atreve a explicitar, Jordán (2019, pp. 798, 801) encara **Parnai** como um ginecónimo ibérico. Pela nossa parte, não podemos excluir uma matriz ibérica para **Barnai* (Faria, 2002b, p. 124; 2004a, p. 303; 2008a [2009a], p. 75; 2011 [2012], pp. 156–157), inicialmente defendida por Untermann (1996, p. 130; *MLH IV*, p. 591) ainda que fundado em pressupostos errados, mas nada indicia que estejamos perante um idió-nimo feminino.

Enquanto aguardamos por um esclarecimento circunstanciado acerca dos motivos que conduziram Jordán a uma tal conclusão, cremos que não podem ser descartadas outras hipóteses de filiação linguística para **Parnai**.

Neste sentido, continuamos a conferir grande solidez à nossa sugestão que consiste em identificar em **Parnai** um idió-nimo de origem oriental, designadamente semita (sírio ou hebraico) (Faria, 2011 [2012], p. 157), atestado em latim (*BARNAEVS*) e em grego (*Βαρναίος*) (Cabanes, 1996, p. 91; Solin, 2007, p. 1372; Camodeca & Soldovieri, 2019, p. 6).

Impõe-se ainda que contemplemos a eventualidade de subjazer a **Parnai** um NP de extração céltica, atendendo aos presumíveis *comparanda* que para o mesmo se podem aduzir (Delamarre, 2019, p. 111). Contra uma tal hipótese emerge a circunstância de, em BB III, não ocorrerem **Parnaiu* ou **Parnaios*, as for-

mas que se esperariam para registar um **Barnaiu* < **Barnaiō(n)* ou **Barnaios*. Esta é a razão que nos induz a acreditar que **Parnai** poderá configurar uma adaptação ao ibero do NP *Barnaevs* < *Βαρναίος*, de matriz semita (Faria, 2011 [2012], pp. 156–157). Recorde-se, a este propósito, que Pena (2002, p. 59) atribui a *Barnaevs* uma (a nosso ver, pouco provável) origem estritamente latina.

Deixamos naturalmente de lado a sugestão formulada por De Bernardo Stempel (2013, p. 649) com vista a interpretar **Parnai** como correspondente, em dativo, ao célt. *barna* ‘sentença’. Apesar do esforço empreendido por De Bernardo Stempel (2013, p. 649) no sentido de reduzir arbitrariamente a duas linhas (I-58; III-17) os conteúdos que se distribuem por quatro (I-58, I-59; III-16, III-17), o contexto semântico em que os dois testemunhos de **Parnai** figuram em BB III não deixa margem para grandes dúvidas quanto à natureza antroponímica do vocábulo em questão. Esta convicção surge reforçada através do paralelismo que é passível de ser estabelecido entre **Parnai enšíCum śCirTunoś** (III-17) e **muniCa enšíCum śCirTunoś** (III-34), não havendo quaisquer motivos para rejeitarmos a interpretação de **muniCa** como NP (no caso vertente, feminino).

PaśTaTiPaiar. Los Allosos (Montejícar, Granada). Pachón, Fuentes & Hinojosa, 2004, *passim*.

Tendo em consideração que o chamado signo S65 (De Hoz, 2011, p. 740), pertencente ao silabário do SE, deve ser transliterado como <a> (Ferrer, 2018a, *passim*), e não como <e> (De Hoz, 2011, p. 179; Faria, 2012, pp. 96–97), abrem-se novas possibilidades para a transliteração do presumível NP que figura na presente sequência. Assim sendo, vimos propor a identificação do NP ibérico **PaśTaTiPai** < **baśtatibai*. Se não existe nenhum exemplo seguro do formante *baśta*, já não sucede o mesmo com *tibai*, que comparece em **salTu-TiPai** (F.13.5) (Faria, 2004a, p. 299). Decorre desta nossa sugestão que o NP subjacente a **PaśTaTiPai** viria seguido do sufixo ibérico de “genitivo” *-ar*, constante de **i]scefbin-gr-īni** (B.1.44), **anCisa-ar-en** (H.9.1), **ePa-ar-en** (G.16.2) e, eventualmente, em **Caraniś-ar-en** / **garaniś-ar-en** (Faria, 2016, pp. 159–160; 2017, p. 85). Resultaria destas últimas segmen-

tações a identificação do NP céltico *Cranis ou *Granis (Faria, 2017, p. 85). Importa, contudo, encarar a hipótese de este último NP se segmentar em **Caraniša-(a)r-en / garanisa-(a)r-en**, uma análise que permitiria individualizar um NP igualmente céltico, *Caranis(s)a / *Garanis(s)a / *Gran(n)is(s)a (Faria, 2017, p. 85). Nada obsta, por outro lado, a que a segmentação apropriada seja **Caranišar-en / garanišar-en**, devendo corresponder à mesma a individualização de um NP bitemático também possuidor da mencionada matriz linguística, *Grannisar(os²) / *Garanisar(os³).

BETATVN. Cipo de calcário. Arredores de Fuerte del Rey (Jaén). Corzo & alii, 2007 [2008], *passim*.

Muito embora não seja a nossa análise favorita, a verdade é que nos cabe a prioridade na segmentação do presente ND em *bete-atun (Faria, 2008a [2009a], p. 67).

Tal facto foi completamente ignorado por Ferrer, nos últimos anos, em quatro ocasiões distintas (Ferrer, 2018b, p. 112; 2019, p. 44; Ferrer, Velaza & Olesti, 2018, p. 182; Ferrer & Sinner, 2019, p. 155).

bedule. Vaso de cerâmica. Ensérune (Nissan-lez-Ensérune, Hérault). *MLH* II B.1.33.

Tal como advertiu Correa (1993, p. 108 e n. 23), no que foi seguido por Luján (2003, p. 225), a analogia entre este NP e *Betullus*, aventada por Untermann (*MLH* II, p. 112), deve ser descartada com segurança, atendendo à natureza sonora da oclusiva dental presente no NP aqui tratado. É possível que estejamos perante uma forma iberizada de *Pedullus* (*MLH* II, p. 112; Correa, 1992, p. 269; 1993, p. 108; Luján, 2003, p. 225), mas nada impede que tenha sido *Medul(l)us < *Medul(l)os o NP céltico subjacente a **bedule**.

PešCoCum. Placa de bronze. *Contrebia Belaisca* (Cabezo de Las Minas de Botorrita, Saragoça). Untermann, 1996, p. 132.

Nada impede que *Besco (ou *Bescu), NP subjacente ao NF em análise, já documentado como **PešCu** (Untermann, 1996, p. 132), seja incluído na onomástica ibérica, atendendo aos numerosos paralelos que se podem documentar tanto para *beš* como para *-co / -cu*, muitos deles recolhidos por nós há mais de duas déca-

das (Faria, 1997, p. 107).

Tal como seria de reear, a nossa sugestão no sentido de interpretar *Besco / *Bescu como um NP ibérico foi completamente descurada por Jordán (2019, p. 441), que, na esteira de Untermann (1996, p. 132), preferiu identificar no dito NP uma matriz indo-europeia, conforme se deduz das duas possíveis formas reconstruídas por este último (Untermann, 1996, p. 132; *MLH* IV, p. 591), *Bescos e *Pescos, de que *Bescu seria uma variante. Não muito diferente desta é a análise subscrita por Wodtke (*MLH* V 1, p. 74) — **besk-u** —, depreendendo-se da individualização de *besk-* que a supracitada investigadora outorga ao presente NP uma procedência igualmente indo-europeia.

CACVORTI (gen.). Fragmento de cerâmica de engobe cor-de-rosa. Tossal de Cal Montblanc (Albesa, Lérida). Revilla & Velaza, 2019, p. 193.

Interpretado pelos editores *principes* como um NP ibérico, preferimos considerar CACVORTI (gen.) um NP céltico, composto por *cac(c)u-* (Evans 1967, pp. 319–320; Billy, 1993, p. 38; Degavre, 1998, p. 123; *DLG*, p. 96; Faria, 2008a [2009a], p. 77; Gavrielatos, 2012, p. 34) e por *orto-* (Billy, 1993, p. 116; Degavre, 1998, p. 331; Delamarre, *DLG*, p. 244; 2007, p. 229) ou, mais remotamente, por *uorti-* (Prósper, 2002, p. 266).

Conquanto não configure um argumento decisivo em prol da filiação linguística de CACVORTI (gen.) no celta, tão-pouco]ALANDICO, de que o NP em apreço deverá constituir o patronímico (Revilla & Velaza, 2019, p. 193), nada possui de ibérico, uma conclusão que seria reforçada na eventualidade de o nome cujo início surge mutilado — talvez restituível como [C²]ALANDICO, ou, menos provavelmente, como [P²]ALANDICO — corresponder a um NF.

cañi. Placa de chumbo. Punta del Castell (Palamós, Gerona). *MLH* III 2 C.4.1.

Conforme vimos noutra oportunidade (Faria, 2002b, p. 126), não há rigorosamente nada placa de chumbo que sugira a ocorrência do signo <Pa> neste NP (*contra*, *MLH* III 2, p. 83; Faria, 1995b, p. 324).

Deste modo, preferimos interpretar o presente NP como a iberização do céltico *Canaius < *Canaios ~ CANAI (gen.) (*EDCS-53503279* etc.).

KANIKΩNE. *Skyphoi*. Peyriac-de-Mer (Sigean, Aude). Bats, 1988, pp. 125, 126.

Consideramos pouco felizes as linhas que Mullen & Ruiz Darasse (2018 [2019], p. 200) dedicaram a este NP (Faria, 1999, p. 155, 2012, pp. 94–95) ou, quiçá, ND (Faria, 2018a, p. 117), testemunhado em dois *skyphoi*, e não apenas num, tal como asseveram erroneamente as referidas autoras.

Já tivemos o ensejo de explicar que, na eventualidade de KANIKΩNE configurar um NP céltico acomodado à morfologia ibérica (Bats, 2011, p. 210), o mesmo deverá remontar a **Canicon(n)os* (Faria, 2012, p. 94), e não a *Canicos* (Bats, 2011, p. 210; Mullen & Ruiz Darasse, 2018 [2019], p. 200).

CařasaTi. Jarra de cerâmica. La Joncosa (Jorba, Anoia, Barcelona). Ferrer, 2006 [2008], p. 143. Ferrer (2006 [2008], p. 143) sugere segmentar este presumível NP em **Cařas-aTi**, considerando-o ibérico. Pela nossa parte, não nos repugna identificar na mesma sequência um NP céltico, *Craxantus*, *Craxsantus* (Billy, 1993, pp. 58–59; Degavre, 1998, p. 170; Delamarre, *DLG*, p. 129; 2007, p. 77; 2019, p. 255).

celtaio. Base de vaso de cerâmica grega de figuras vermelhas. Ensérune (Nissan-lez-Ensérune, Hérault). *MLH* II B.1.13 / Vaso de cerâmica grega. Puig de Sant Andreu (Ullastret, Gerona). *MLH* III 2 C.2.13. Ferrer, 2005 [2006], pp. 962, 967, n. 52.

Há alguns anos, advogámos a hipótese de **celtaio** constituir a adaptação ao ibero de um NP céltico, **Celtaios* (Faria, 2011 [2012], p. 173; 2015, p. 128).

No entanto, à luz das conclusões a que chegou Correa (1993, p. 103) a propósito de diversos NNP gauleses documentados em ibero e terminados em **-o**, **-u**, o mais provável é que **celtaio** pertença à flexão de tema em **-n** e remonte a **Celtaiō(n)*.

GESELADEN / GESELANDEN. Estela de arenito. Proveniência indeterminada (Valpalmas, Saragoça?). *IRMN* 58.

Moncunill (2018, p. 343) não goza de qualquer autoridade moral para reivindicar a prioridade na transcrição do presente *cognomen* feminino como GESELADEN (Faria, 2008b [2009b], p. 150; 2013, p. 191; 2016 [2017], p. 115; 2019, p. 60).

CoPeřif. Inscrição rupestre. La Camareta (Agramón, Hellín, Albacete). Pérez Rojas, 1993, pp. 164–165.

Se não podemos permitir que Rodríguez (2018, p. 193) se faça passar, pela enésima vez, por autor quer da transliteração quer da subsequente interpretação de **CoPeřif** como NP ibérico (Faria, 1997, p. 107; 2000a, pp. 122–123; 2003a, p. 215; 2004a, p. 305; 2004b, pp. 180–181; 2006, p. 116; 2007b, p. 167; 2011 [2012], p. 163; 2012, p. 95; 2016 [2017], p. 121), tão-pouco estaremos em condições reconhecer qualquer legitimidade a Ferrer (2019, p. 52) para, em jeito de deplorável provocação, outorgar a Luján & López (2016, p. 253) — investigadores notoriamente relapsos (Faria, 2016 [2017], pp. 120, 121; 2018b, p. 105) — aquilo que nos pertence.

TARBANTV. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I² 709. Diversamente do que, de modo insidioso, assevera Simón (2018, p. 43), a segmentação TARBAN-TV é da nossa lavra (Faria, 2002a, p. 240; 2007b, p. 179; 2011 [2012], p. 153), e não da de Untermann (1987, pp. 307, 313), que sempre perfilhou a transcrição TABBANTV, considerando-a um erro do gravador, por **Tarbantu* (Untermann, 1987, pp. 307, 313, *MLH* III 1, p. 233, n. 116.1) ou por **Tasbantu* (*MLH* III 1, p. 233, n. 116.1).

Tão-pouco acerta Simón (2018, p. 43) ao afirmar que o sufixo de hipocorístico **-tu** não conta com mais nenhum testemunho na antroponímia ibérica, encontrando-se o mesmo igualmente documentado em **CařsuriTu** (Faria, 2002a, p. 240; 2005a, pp. 167–168).

Este sufixo deve ser considerado variante (ou antecedente?) de **-to**, reproduzido em **laurto** (C.2.4). Não sabemos qual das duas formas subjaz a NNP em escrita latina, tais como NES-CATO (Gorrochategui, 1984, pp. 240–241, n.º 256), sendo certo que é o mesmo sufixo de sentido diminutivo que vamos encontrar na onomástica basca medieval (Gorrochategui, 1984, p. 241; 1995, p. 750).

TiPeřTar. Placa de chumbo. “Barranco del Rey” (Serra de Gádor, Almería). *MLH* III 2 H.1.1.

Como é evidente, a nossa proposta de individualização do NP **TiPeřTar** (Faria, 1990–1991, pp. 76, 78; 1995b, p. 328; 1998b, pp. 234, 235; 2000a, p. 140; 2004a, p. 292; 2006, p. 121; 2008b [2009b], p. 153) no chumbo de Gádor resulta da transliteração do segundo

silabograma, concretamente ξ , como <be> / <Pe>.

Se, há alguns anos, Ferrer (2010 [2011], p. 73) considerava a nossa proposta inaceitável, agora o mesmo investigador admite que ξ corresponde a <bé> (Ferrer, 2017a, pp. 73, 75). Impunha-se, a nosso ver, que Ferrer, tal como ocorreu noutras ocasiões (mas nem sempre), tivesse mencionado quem o precedeu em tal identificação.

tinebatan. Placa de chumbo. Ampúrias (La Escala, Gerona). *MLH* III 2 C.1.6.

Não obstante termos chegado a advogar a existência do NP **ilagodin(e²)** na sequência (em *scriptio continua*) **ilagotinebatan** (Faria, 2010 [2011], p. 96), decidimos agora abandonar uma tal perspectiva em prol da identificação de dois NNP na dita sequência: **ilago** (segmentável em **ila(r²)-go**) e **tinebatan** (segmentável em **tine-batan**).

Os melhores paralelos para os membros do composto antroponímico **tinebatan** podem encontrar-se em **turgosbetan** (Ferrer, 2005 [2006], pp. 962 e n. 29, 963, n. 33; Faria, 2008a [2009a], p. 66; 2010 [2011], p. 96), **tinebedan** (Orduña, 2006, p. 282; Faria, 2010 [2011], p. 96) e **BADAN** (Faria, 2011 [2012], p. 152).

TuPe. Fragmento de prato de cerâmica campaniense. Cabezo de Alcalá (Azaila, Saragoça). *MLH* III 2 E.1.232.

Na eventualidade de estarmos perante um NP completo, os melhores *comparanda* para o mesmo deverão ser encontrados em *Dubus* (Billy, 1993, p. 66; Degavre, 1998, p. 201; Matasović, 2009, p. 108; Delamarre, *DLG*, pp. 152–153; 2019, p. 308) ou *Dumus* (Billy, 1993, p. 67; Degavre, 1998, p. 203; Delamarre, 2019, p. 311), pertencentes à antroponímia céltica.

No mesmo sentido, **TuPi** (E.1.233) poderá consistir na iberização de *Dubius* (Degavre, 1998, p. 201; Delamarre, *DLG*, p. 153; 2019, p. 308) ou *Dumius* (Billy, 1993, p. 67; Degavre, 1998, p. 203; Delamarre, *DLG*, p. 154; 2019, p. 311).

TurumoCum. Tabua de bronze. *Contrebia Belaisca* (Cabezo de las Minas de Botorrita, Saragoça). Untermann, 1996, p. 163.

Há quem tenha relacionado o NF em análise com o NE hispânico *Turmogi* (De Bernardo

Stempel, 2003a, p. 204; Prósper, 2013, p. 187), mas não vislumbramos qualquer razão para a identificação de uma síncope vocálica neste NE. Aliás, De Bernardo Stempel (2003a, p. 204) vai ainda mais longe do que Prósper ao transliterar **TurumoCum** como **Tur^umoCum**, uma decisão que não podemos aceitar, dada a arbitrariedade de que tal transliteração se reveste.

Por outro lado, o NF que seria expectável ver formado com base no suposto NP **Turomogos* (Prósper, 2013, p. 187) teria sido, numa transliteração da escrita celtibérica, ***TuromoCoCum**. Consideramos, por conseguinte, mais verosímil identificar no NF **TurumoCum** o NP **Drumos* ou **Drumō(n)* (caso de trate de um termo de tema em *-n*), dotado do radical céltico *dru-* ‘árvore, carvalho’ (Delamarre, *DLG*, p. 149; 2019, pp. 302–303) sufixado por *-(u²)mo-*. Sem preocupações de exaustividade, podemos encontrar este mesmo sufixo em *Bitumus* (EDCS-04700306; Delamarre, 2007, p. 43; 2019, p. 131), *Gustumus* (EDCS-05502187; Delamarre, 2007, p. 106; 2019, p. 374; *contra*, Prósper, 2016, p. 159; Faria, 2018b, p. 86), *Natomus* (Delamarre, 2007, p. 139; 2017, p. 107), *Tetumus* (EDCS-05100032; Delamarre, 2007, p. 181) e *[V]esumus* (EDCS-04700238; Delamarre, 2007, p. 198). Aliás, nada obsta a que o NP que julgamos estar subjacente a **TurumoCum** se encontre abreviado na marca de oleiro *DRVM(---)* (EDCS-53500945).

Já Wodtko (*MLH* V 1, p. 431), entre as duas hipóteses por ela contempladas com vista à adequada análise de **TurumoCum** (a outra consistia em identificar a base */Durum-/*), havia sugerido a individualização de */Drum-/* no referido NF. Wodtko chegou a decompor *Drumo* em *Dru-mo-*, mas afastou-se da solução mais plausível — a identificação do NP **Drumos* ou **Drumō(n)* —, ao preceituar a filiação daquela forma em **Drus-mo-*; fê-lo, no entanto, sem grande convicção, alegando a ausência de paralelos.

eCoónaf. Ânforas Dressel 1B. Cabezo de Alcalá (Azaila, Teruel). *MLH* III 2 E.1.322, .324. Temos plena consciência de que a nossa argumentação padece de alguma fragilidade, mas acreditamos que é razoável identificar nesta sequência um NP seguido do sufixo possessivo ibérico *-arí*. Do nosso ponto de vista a individualização de um NP em **eCoón** permite-nos

filia-lo na antroponímia céltica, e fazer corresponder **eCoś** ao prefixo gaulês *eχs-*, *ex-*, *ec-*, *ess-*, de larga difusão na onomástica com tal proveniência linguística (Delamarre, 2019, pp. 340–341). Naturalmente, o emprego do signo <Co> deriva da circunstância de ser do mesmo timbre a vogal subsequente a <ś>. Reiterando as reservas que semelhante dedução implica, estaríamos deste modo na presença da adaptação ibérica do NP (latinizado) *Exomnus*, *Exsomnus uel sim.* (Schmidt, 1957, p. 213; Evans, 1967, p. 202; Billy, 1993, p. 74; Degavre, 1998, p. 322; Delamarre, *DLG*, p. 170; 2007, p. 100; Matasović, 2009, pp. 295–296; Prósper, 2016, p. 173), se bem que uma análise em **eCośona-(a)ř** recomende de preferência um NP (ou um ND?) feminino: *Exsomna* ou *Exsobna* (Delamarre, 2007, p. 100).

Importa ainda invocar como termo de comparação, até porque se trata de um NP igualmente testemunhado em ânforas (no caso em questão, oleárias, produzidas em *Brundisium*), os *duo nomina M(arci) EXSONI*, decerto identificativos de um produtor de azeite. Segundo Manacorda (1994, pp. 17, n. 63, 37, n. 207), as semelhanças de *Exsonius* com os idionimos gauleses acima referidos não passam de um simples caso de paronímia, constituindo aquele um gentilício itálico.

Nesta conformidade, **eCośonař** constituiria a tradução literal de EXSONI. No entanto, assim como de *Exomnus* / *Exsomnus* seria expectável ***eCośone-(e)n** < ***eCośone** como adaptação morfofonológica ao ibero (Faria, 2015, pp. 126–127), a formação ibérica inferível a partir de *Exsonius* seria ***eCośoni-(e)n** < ***eCośoni**, pelo que se torna mais razoável o entendimento de **eCośonař** como NP ou ND feminino céltico — *Exsomna* ou *Exsobna* —, ao qual foi aposto um sufixo de “genitivo”.

Em alternativa a esta interpretação, cabe identificar em **eCośon** a adequação ao ibero do NP celtibérico ***Equosso**/***Equotso**, um cognato do radical gaulês *Epotso-*, que Delamarre (2010–2012, p. 122; 2017, p. 193; 2019, p. 331) faz derivar de *eġyo-sth₂-o-*.

egibaleř. Rocha 1 da Zona 6. Osséja (Alta Cerdanha). Ferrer, 2018b, p. 104.

Levando em conta que Rodríguez (2014, *passim*) não reconhece a existência do elemento onomástico ibérico *egi*, cabe-nos substituir Ferrer na apresentação de uma lista de NNP sus-

ceptíveis de o incluir: BERSEGI (gen.) (Faria, 2007a, p. 211), **egine**<*i*>**ti**<*n*> (Faria, 2002b, pp. 127–128; 2004a, p. 306), **egisir** (Faria, 1995a, p. 80; 2002b, p. 128; 2004a, p. 306; 2007a, p. 211), **PeCuegi** (Faria, 1994a, p. 67; 1994b, p. 41, n.º 76; 1995a, p. 80; 1996, p. 155; 2000a, p. 128; 2002b, p. 128; 2007a, p. 211), **tařtabiegi** (Faria, 2007a, pp. 211, 225; 2007b, p. 178; 2011 [2012], p. 175; 2016 [2017], p. 117) e **ueCuegi** (Faria, 1991b, p. 18; 1994b, p. 55, n.º 391; 1995a, p. 85; 1996, p. 175; 2000a, p. 128; 2002b, p. 128; 2007a, p. 211).

Lamentavelmente, por razões que desconhecemos, Ferrer (2018b, pp. 114, 117–118) persiste em ocultar de modo ostensivo os nossos contributos na identificação do segmento onomástico ibérico *-er*, aqui presente (Faria, 1991a, p. 190; 1994a, pp. 67, 69; 1999, p. 154; 2003b, p. 317; 2004a, p. 299; 2010 [2011], p. 97; 2011 [2012], p. 152; 2014, p. 170). Entre os NNP que o exibem conta-se naturalmente SANIBELSER (*CIL* I² 709) (Faria, 1994a, p. 69; 1999, p. 154; 2003b, p. 317; 2010 [2011], p. 97), ausente, por mero esquecimento nosso, de uma lista de 66 NNP ibéricos trimembres (Faria, 2016 [2017], pp. 113–117, Quadro 1), um subgrupo antroponímico cuja existência, aliás, tem suscitado a Ferrer infundadas dúvidas (Moncunill, Ferrer & Gorrochategui, 2016, p. 270).

Talvez um dia se demonstre que alguns dos NNP por nós reunidos na referida lista sejam, afinal, bitemáticos, havendo ainda a possibilidade de uns poucos nem sequer corresponderem a NNP, mas sempre sobrarão os suficientes para demonstrar a existência de trimembres. Entre eles conta-se **biurtegetigi**, um inquestionável NP que, curiosamente, foi publicado há pouco tempo pelo próprio Ferrer (Ferrer & Sánchez, 2017, p. 225).

Por conseguinte, em vez de, qual dogma lançado *ex cathedra*, terem manifestado dúvidas genéricas e abstractas sobre a existência de NNP ibéricos trimembres, constituía obrigação ética e científica da parte de Moncunill, Ferrer & Gorrochategui (2016, p. 270) concretizarem tais reservas, demonstrando que nenhum dos lexemas constantes daquela lista se enquadra em tal categoria. Infelizmente, os investigadores supracitados não se deram a tal trabalho, permitindo que tal postura, marcada por uma extrema arrogância, viesse a

ser replicada em anos mais recentes (Moncunill & Velaza, 2016, p. 23; Velaza, 2018 [2019], p. 168).

ΕΔΝΙΣΑΕ (gen.). Moedas. ***Pauipon** (Alcácer do Sal, Setúbal). CNH 134:10.

Durante muitos anos, transcrevemos a legenda monetária de que faz parte o provável patrónimo em análise como CANTNIP ΕΔΝΙ/‘AE’ F, aventando, em alternativa, CANTNIP ΕΩΝΙ/‘AE’ F (Faria, 1989a, p. 85 e n. 72; 1992, p. 43; 1994c, p. 122). Nesta ocasião, porém, admitimos a eventualidade de o que julgámos ser a estilização de uma das garras do leão cuja pele cobre a cabeça de Hércules poder corresponder a uma letra, especificamente a um S. Este já era o entendimento de Villaronga (CNH, p. 134), conforme se deduz da transcrição por este alvitrada: CANINIE ED(NIS).

A confirmar-se esta nossa proposta de leitura, **Ednisa* conformaria um NP (presumivelmente masculino, dado o contexto) a incluir na onomástica céltica. O tema *edno-*, enquanto testemunho da lenição da oclusiva dental surda patente na forma original *etno-* ‘ave’ (Delamarre, DLG, p. 168; 2019, p. 338), encontra um só paralelo em ΕΔΝΟΜ (gen. pl.) (K.3.7) (De Bernardo Stempel, 2002 [2003], p. 113, n. 125; 2003b, p. 191; 2017, pp. 260–261; Prósper, 2005, p. 274 e n. 346). A observação da foto que reproduz o vocábulo em questão (MLH IV, p. 629) leva-nos a adoptar sem reservas o parecer emitido por Untermann (MLH IV, p. 630) e a descartar por completo as dúvidas manifestadas por Jordán (2019, p. 903) a respeito da fidedignidade da lição ΕΔΝΟΜ: o primeiro signo não pode ser senão um E formado por duas barras verticais.

Quanto à forte probabilidade, em face do contexto, de **Ednisa* identificar o patrónimo em detrimento do matrónimo, a mesma assenta na circunstância de o sufixo hipocorístico céltico *-isā* (maioritariamente *-issā*) figurar sobretudo em NNP masculinos (Weisgerber, 1933, pp. 16–17; Faria, 2011, p. 155; Stüber, 2013, pp. 165–166; *contra*, De Bernardo & alii, 2012, p. 122; Faria, 2013, p. 192).

eiargiTiTa[+]sTe. Pega de testo. Illeta dels Banyets (El Campello, Alicante). Olcina, 2001, p. 32.

Esta entrada visa somente assinalar as similitudes entre a nossa lição (Faria, 2002b, p. 128;

2003a, p. 215; 2003b, p. 323; 2004a, p. 306; 2007b, p. 162; 2009 [2010], p. 159) e a transliteração advogada por Correa (2018, p. 222) para a presente sequência: **eiarkiti+[+]ste**. Continuamos a preconizar a ocorrência de um NP trimembre — **eiar-giTi-Ta[+]s** — sufixado por **-Te** (-de) (Faria, 2002b, p. 128; 2003a, p. 215; 2003b, p. 323; 2004a, p. 306; 2007b, p. 162; 2009 [2010], p. 159).

Ελερνας. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Lejeune, Pouilloux & Solier, 1988, p. 53.

Temos vindo a sustentar há mais de duas décadas que a lição Βλερνας deve dar lugar a Ελερνας, um NP indiscutivelmente ibérico que já era conhecido em escrita levantina, sob a forma **elerbas**, num grafito cerâmico de *Iliberris* (Elne) (MLH II B.9.1; Faria, 1994a, p. 69; 1998b, p. 234; 2000a, p. 131; 2000b, p. 63; 2001a, pp. 99–100; 2003b, p. 323; 2004a, p. 292; 2006, p. 118; 2007b, p. 170; 2011 [2012], p. 166).

Gorrochategui merece um cumprimento especial por, finalmente (Gorrochategui & Vallejo, 2018 [2019], p. 360), ter decidido abandonar a leitura errada — Βλερνας — que andou a propalar durante demasiado tempo em prejuízo de Ελερνας (e.g. Gorrochategui, 1995 [1997], p. 191; 2002, pp. 76, 87), ainda que, tal como era de recear, tenha omitido todos e cada um dos trabalhos em que reproduzimos a leitura correcta (Faria, 1994a, p. 69; 1998b, p. 234; 2000a, p. 131; 2000b, p. 63; 2001a, pp. 99–100; 2003b, p. 323; 2004a, p. 292; 2006, p. 118; 2007b, p. 170; 2011 [2012], p. 166).

Só lamentamos que Gorrochategui tenha insistido desastrosamente em atribuir ao dito NP uma origem linguística alheia ao ibero (Gorrochategui & Vallejo, 2018 [2019], p. 360), uma atribuição à qual De Hoz (2018b [2019b], p. 20) nunca conseguiu renunciar.

Não deixa de ser curioso assinalar que Vallejo, co-autor do texto supracitado (Gorrochategui & Vallejo, 2018 [2019]), já havia secundado a nossa tese defensora da natureza ibérica de Ελερνας (Vallejo, 2010–2011 [2013], p. 342), jamais tendo evidenciado quaisquer dúvidas quanto à origem linguística de **elerbas**, o outro exemplo deste nome, acima citado (Vallejo, 2001, p. 403). É caso para dizer: “manda quem pode...”.

ibuścetin / ipuścetin. Cerâmica. Ensérune (Nissan-lez-Ensérune, Hérault). *MLH* II B.1.270, .271.

Nunca será demais assinalar que coube a Correa (1992, p. 262) corrigir as transliterações que Untermann (*MLH* II, pp. 237–238) tinha aduzido para esta sequência, na qual identificámos um NP ibérico bimembre: **ibuś-cetin** (Faria, 1995b, p. 327; 2004a, p. 307; 2004b, p. 182; 2005b, p. 279; 2006, pp. 119–120; 2007b, pp. 170–171; 2011 [2012], p. 148).

Entre os nomes próprios bascos cujas origens pudemos detectar na onomástica ibérica (Faria, 2006, pp. 119–120; 2007b, pp. 171–171), devemos salientar, pelas dimensões da área que o mesmo designa, o corónimo *Gipuzkoa/ Guipúzcoa* < *Ipuscoā, Ipuzcoa* etc., atestado pela primeira vez em 980 (Orpustan, 1999, pp. 100, 326), ocorrendo a respectiva base onomástica no componente inicial do NP ibérico ora lematizado. A prótese de oclusiva sonora — ou a velarização consonântica, na definição de Saura (2001, pp. 310–312) — que se detecta no corónimo a partir do século X conta com diversos paralelos no âmbito (ou por influxo) da língua basca (Luchaire, 1879, p. 143; Caro, 1945, p. 225; Michelena, 1997⁵, p. 95, n.º 280; 1977², p. 253; 1969/1987, pp. 113–114; Orpustan, 1999, pp. 100, 325, 326; Irigoyen, 1999, pp. 213–215; Saura, 2001, pp. 310–312; Iglesias, 2002, p. 134; Peterson, 2004, p. 598; Martín de las Puebas, 2005, pp. 160–161; Faria, 2006, p. 119–120; 2007, pp. 171–171).

Sobre o segundo membro do composto **ibuścetin**, valerá a pena referir que o mesmo foi por nós identificado em vários NNP (Faria, 1995b, p. 327; 2004a, pp. 282, 297, 305, 307; 2004b, p. 182, 2005b, p. 279, 2006, p. 119), tendo este facto sido omitido por Moncunill & Velaza (*MLH* V 2, p. 321). Aliás, estes autores veiculam uma transliteração equivocada do NP que nos ocupa, transformando **ibuścetin** em **ikuśketin**.

A identificação entre ambos os radicais, até hoje por questionar, induz-nos nesta ocasião a aventar a transliteração do segundo grafema, caracterizado pela presença de dois ou três pontos verticais, como <pu>, em evidente contraste com a forma regular de <bu>, que não ostenta tais pontos.

iCiur. Painel 2 da Zona 2. Osséja (Alta Cerdanha). Ferrer, 2018 [2019], p. 24.

Surpreendentemente, Ferrer só conseguiu aduzir

arCiur (Ferrer, 2017b, p. 14; Faria, 2018b, pp. 78–79) como testemunho do componente final do NP em questão. Há alguns anos (Faria, 2011 [2012], p. 170), porém, tivemos o ensejo de coligir uma lista de NNP ibéricos que incluem, ou são passíveis de incluir, o segmento *ur*: **laurur, beleśur, eteśur, uralaścar,]urtibeś** e **]urtabif**. Quiçá **lei-tigeur** (Faria, 2011 [2012], p. 171) possa ser acrescentado a este elenco (Faria, 2018b, pp. 78–79).

Não estamos, por conseguinte, em condições de reconhecer a Ferrer a primazia na identificação do segmento onomástico ibérico *ur*.

ilago. Placa de chumbo. Ampúrias (La Escala, Girona). *MLH* III 2 C.1.6.

Abandonando a nossa perspectiva anterior (Faria, 2010 [2011], p. 96), na qual defendíamos a existência do NP **ilagodin(e²)** na sequência (em *scriptio continua*) **ilagotinebatan**, consideramos ser agora mais plausível identificar dois NNP na dita sequência: **ilago** (segmentável em **ila(r²)-go**) e **tinebatan** (segmentável em **tine-batan**).

Como *comparanda* para o radical do hipocorístico **ilago** poderemos trazer à colação Ἰλαγοκουρίς (Ptol. Geog. 2.6.56) (Faria, 2010 [2011], p. 96), **?]ilariśar** ou **?]ilaboīśar** (Faria, 2003a, p. 223; 2003b, p. 317; 2004b, pp. 178–179; 2007a, p. 221; 2007b, p. 171; 2010 [2011], p. 96; v. no entanto, *infra*, s.u. **silaPoníi**).

**Ilubaria* < ILVBARIENSIA. Ara funerária. *Mentesa Bastitanorum* (La Guardia, Jaén). *CIL* II²/5 11.

Não podemos admitir de modo nenhum que Untermann (*MLH* VI, p. 447) seja considerado o autor da identificação de **Ilubaria* com *Baria* (Villaricos, Almeria) (Faria, 2006, p. 120; 2009 [2010], pp. 163–164; 2011 [2012], p. 170; 2015, p. 131).

SANIBELSER. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I² 709.

A única segmentação admissível para o presente NP é **śani-bels-er* (Faria, 1994a, p. 69; 1999, p. 154; 2003b, p. 317; 2004a, p. 299; 2010 [2011], p. 97; 2014, p. 170), pelo que devem ser rejeitadas outras propostas de análise, tais como **san-i-beleś* (?)/**san-i-bels* (?) (Rodríguez, 2002b [2003b], pp. 257, 267), **śan-i-belseś* (Rodríguez, 2014, p. 196) ou *sani-bels-er* (Ferrer, 2018 [2019], p. 26).

Σεδεγων. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigeon, Aude). Lejeune, Pouilloux & Solier, 1988, p. 53.

Não vislumbramos nenhuma razão objectiva passível de sustentar, descurando a evidente distinção entre as consoantes dentais intervocálicas, a equivalência, preconizada por Ferrer (2013, p. 142) e por Untermann (*MLH* VI, p. 631), entre *sede* e *seti*, segmento constante dos NNP **beriseti** e **setibios** (Faria, 2005b, p. 284). Além de ocorrer em Σεδεγων, *sede* figura no gentílico **seTeisCen** (gen. pl.) = SEDETANI (Beltrán Martínez, 1989, p. 19; Faria, 1994a, p. 70; 2001a, p. 103; 2002b, p. 134; 2003b, p. 327; 2004a, pp. 289–290; 2004b, p. 185).

Nem sequer é de aceitar a passagem de *seti* a *sede*, porquanto as atestações de Σεδεγων e **seTeisCen** devem ser anteriores aos NNP que documentam *seti* (Faria, 2005b, p. 284).

Lamentavelmente, Ferrer (2013, pp. 139–140) atribuiu de maneira ilegítima a Rodríguez e a Untermann a autoria da identificação de determinados segmentos onomásticos ibéricos em NNL, em claro prejuízo do signatário, que os precedeu em vários anos. Assim, tal como vimos *supra*, não podemos deixar de considerar abusiva a atribuição a Rodríguez (Ferrer, 2013, p. 139) da precedência na individualização do formante **sede** em **seTeisCen** (gen. pl.) = SEDETANI e em Σεδεγων (Faria, 1994a, p. 70; 2001a, p. 103; 2003b, p. 327; 2004a, pp. 289–290), uma precedência que também chegou a ser reivindicada por Untermann (*MLH* VI, p. 631).

Depois de sucessivas advertências da nossa parte (Faria, 2003b, p. 319; 2005b, p. 276; 2008a [2009a], p. 69) para a necessidade de segmentar **seTeisCen** em **seTei-sCen**, só pode ser por mera obstinação que Jordán (2019, p. 341) teima em traduzir **seTeisCen** por ‘de los de Sedeis’.

silaPoními. *Oinochoe. Libisosa* (Lezuza, Albacete). Uroz & Velaza, 2019, p. 215.

Pouco temos a acrescentar às reflexões que o presente NP nos mereceu em momentos anteriores (Faria, 2016 [2017], p. 127; 2018a, p. 121). Com esta entrada, pretendemos tão-somente corrigir uma afirmação produzida por Correa (2018, p. 229, n. 17): o penúltimo signo, que transliteramos como <ín> (de preferência a <Y>) terá a forma de Ψ, e não de Φ, não devendo, pois, ser confundido com este último, que configura o terceiro grafema de **CuleśTauTin** (Faria, 1990–1991, pp. 77, 78, 86; 1992b, p. 45; 1993, p. 151; 1995a, pp. 79, 84; 1995b, p. 326; 2011 [2012], p. 165; 2013, p. 200).

A atestação do NP **Silabon* (deduzível de

silaPon-ími) ou **Silabō(n)* (deduzível de **silaPo-n-ími**) leva-nos, nesta ocasião, a sugerir a restituição do NP **]ilaboisař** (*MLH* II B.1.294) (Faria, 2010 [2011], p. 96; 2012, p. 104) como **[s²]ilaboisař**. É de, admitir, no entanto, que o NP em questão se resuma a **[s²]ilabois** (Faria, 2007a, p. 221; 2010 [2011], p. 96). Nesta conformidade, assim como **Silabō(n)* se decompõe em *sil-* (Delamarre, *DLG*, p. 273; 2007, p. 232; Matasović, 2009, p. 336) e *abo(n)-* (Delamarre, *DLG*, pp. 29–30; 2007, p. 209; Matasović, 2009, p. 23), haveria que identificar em **[s²]ilabois** os mesmos dois radicais, seguidos de um terceiro, *uix-* (Evans, 1967, pp. 281–285; Delamarre, *DLG*, p. 318; 2007, p. 236; Matasović, 2009, p. 421); depreender-se-ia desta combinação a existência do NP **Silabouix*.

Seja como for, o ginecónimo SILABINAE (dat.) (*ILA Auscii*, 6), que temos por céltico, continua a constituir o melhor *comparandum* para o NP em causa (Faria, 2018a, p. 121). A diferença para os NNP acima mencionados residirá somente na utilização do sufixo *-ino-*, pouco importando para a nossa argumentação se o mesmo possui uma origem céltica (Degavre, 1998, p. 256) ou latina (Gorochategui, 1984, p. 231, n.º 240; Martínez, 2018, pp. 534–535). A circunstância de SILABINAE (dat.) ostentar o NP aquitano BORTOSSI (gen.) como patrónimo não implica necessariamente que ambos os NNP remetam para uma mesma matriz linguística (*contra*, Fabre & Bost, 2010, p. 35; *ILA Auscii*, pp. 47, 92). Interessará, contudo, assinalar que, ao menos no plano formal, parece ser possível isolar em *Silabina* uma base *sil-*, comum a diversos ginecónimos aquitanos (Faria, 2002b, p. 135; 2008a [2009a], p. 82; 2019, p. 64).

suPaCe. Estela de arenito. **iešo** / **lesso** (Guissona, Lérida). Guitart & *alii*, 1996, *passim*.

Se, há mais de uma década, preconizámos a interpretação de **suPaCe** como a adaptação ibérica do NP céltico **Sumagos* (Faria, 2008a [2009a], p. 83), a existência do NP SVBACVS (Delamarre, 2019, p. 105) deixa entrever a possibilidade de ser **Subaccos* ou **Subagos* o NP mencionado na estela guisonense.

šeCeisa/šeCeisaCom. Moedas. Segeda (Poyo de Mara/Durón de Belmonte de Gracián, Saragoça). CNH 231:1–45.

Na entrada consagrada a **šeCeisa**, além do texto de Rodríguez (2001–2002 [2003]), Jordán (2019, pp. 291–292) devia ter mencionado

outros três que o precederam, dois dos quais assinados pelo mesmo investigador (Rodríguez, 1997, p. 194, 2002c [2003c], p. 248, n. 13).

O que foi publicado em 1997 não podia, de modo nenhum, ter faltado, porquanto foi nele que Rodríguez alvitrou a possibilidade de serem **šeCeisa** e **šeCeisaCom** as transliterações adequadas, sem, todavia, excluir por completo as interpretações tradicionais das ditas legendas monetárias. De resto, em nenhum destes trabalhos, Rodríguez forneceu qualquer argumentação passível de alicerçar a sua hipótese (no primeiro texto) ou a sua convicção (no segundo).

O terceiro trabalho cuja ausência não pudemos deixar de notar é da nossa autoria (Faria, 2003a, pp. 218–219), tendo o mesmo sido publicado mais de meio ano antes da saída do volume da revista *Kalathos* que incluía o artigo de Rodríguez (2001–2002 [2003]) citado por Jordán, uma circunstância que foi deploravelmente ocultada por este último autor.

Naquele nosso texto, ficou por assinalar que são já dois, e não apenas um, os chumbos monetiformes que se conhecem com a legenda SEGEIDA (Sáez & Blanco, 2001, p. 188 e n. 503). Não será de afastar totalmente a hipótese de que tal legenda, conquanto em caracteres latinos, reproduza o NL em celtibérico. A ser assim, a supracitada legenda devia ter integrado o *corpus* de inscrições celtibéricas que acaba de ser publicado por Jordán (2019).

šeTanTunoš (gen. sg.). Tésseira de bronze. Proveniência desconhecida. Faria, 1998c, p. 120.

Oito anos após a publicação do NP céltico em análise, que deverá remeter para um nom. **Setantū* (Faria, 1998c, p. 120), Breeze (2006, pp. 161–163) dedicou várias páginas de um artigo seu a tentar questionar a fidedignidade do etnónimo britânico *Setantii* / Σετάντιοι < Σεταντίων λιμῆν, unicamente veiculado por Ptolemeu (Geog. 2.3.2). Cremos, contudo, que o NP objecto da presente entrada, ignorado por Breeze, confere grande verosimilhança à formação toponímica insular tal como se encontra documentada na geografia ptolemaica, tendo esta analogia sido, a par de outras, equacionada por Prósper (2005, p. 214).

Resta, por outro lado, averiguar se **Setantū* conformará um exemplo de grafia defectiva, filiável em **Seχtantū* (Rubio, 2003 [2004], pp. 142, 152–153; Prósper, 2005, pp. 213–214) ou

em **Sentantū* (Prósper, 2005, p. 214). Em qualquer dos casos, o relacionamento de **Seχtantū* / **Sentantū* com o etnónimo *Setantii* afigurar-se-á mais dificultado, a menos que este último deva ser corrigido para **Seχtantii* ou **Sentantii*, uma conjectura que, tanto quanto sabemos, ninguém se atreveu a formular.

unisanmí. Cratera de cerâmica de verniz negro. Ensérune (Nissan-lez-Ensérune, Hérault). *MLH* II B.1.27.

Estamos, muito provavelmente, na presença de um NP ibérico, **unisan**, segmentável em **uni-san** (*MLH* II, p. 106; *MLH* III 1, pp. 230, 237).

Na eventualidade, deveras inverosímil, de o NP detectável na sequência **unisanmí** possuir uma origem céltica (Correa, 1993, p. 107; Luján, 2003, p. 239), deveria isolar-se o NP **Unissa* seguido pelo sufixo ibérico (e)-n, não havendo, na nossa perspectiva, qualquer motivo para individualizar o NP **Unissos*, ao qual viria posposto o sufixo ibérico -an (Correa, 1993, p. 107; Luján, 2003, p. 239), sufixo este cuja existência se nos afigura questionável, em especial se associado a NNP.

[D²]VTIA. Placa funerária de calcário. São Vicente de Valongo (Nossa Senhora de Machede, Évora). *FE* 661.

Partindo do pressuposto, perfeitamente razoável, assumido por Encarnação e Maximino, de que a inscrição se encontra alinhada à esquerda — “[p]aginação cuidada, pelo que nos é dado verificar, eventualmente com alinhamento à esquerda” — [D²]VTIA afigura-se como alternativa preferível à restituição proposta: [BO²]VTIA.

Em abono desta nossa convicção concorre a circunstância de todos os oito testemunhos do idiótismo (invariavelmente feminino) *Dutia* compilados na *EDCS* serem oriundos da província romana da Lusitânia. Idêntica procedência apresentam nove dos onze testemunhos do mesmo idiótismo recolhidos por Vallejo Ruiz (2005, pp. 312–313), reportando-se os outros dois ao noroeste da Tarraconense.

De igual modo, já no âmbito da antroponímia latina, na última linha actualmente legível, o presumível alinhamento do texto à esquerda deixa entrever a forte probabilidade de [VEN²]VSTA ser uma restituição a preterir em favor de [I²]VSTA.

Bibliografia citada

- AGUILAR I GUILLÉN, Àngels; PONS I MELLADO, Esther (1988) – Epigrafía ibérica. *Laietania*. 4, pp. 145–148.
- ALBERTOS FIRMAT, María Lourdes (1961) – L'indo-européen et l'anthroponymie ibérique. In PUCHNER, Karl, ed. – *VI. Internationaler Kongress für Namenforschung. München: 24.–28. August 1958. Kongressberichte. Band II*. München: Bayerische Akademie der Wissenschaften, pp. 82–87.
- ALBERTOS FIRMAT, María Lourdes (1966) – *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Universidad.
- ALLEPUZ MARZÀ, Xavier (2001) – *Introducció al poblament ibèric a La Plana de l'Arc (Castelló)*. Castelló: Diputació.
- APRH = RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau (2010) – *Las acuñaciones provinciales romanas de Hispania*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- BÄHR, Gerhard (1948) – Baskisch und Iberisch IV. Das Iberische. *Eusko-Jakintza*. 2:4–5, pp. 381–455.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2013) – Escolios a un topónimo prerromano implícito. *Palaeohispanica*. 13, pp. 33–47.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio; TURIEL IBÁÑEZ, Max (2009) – 14 nuevos textículos hispanorromanos. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 9, pp. 415–429.
- BATS, Michel (1988) – La logique de l'écriture d'une société à l'autre en Gaule méridionale protohistorique. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. 21, pp. 121–148.
- BATS, Michel (2011) – Emmêlements de langues et de systèmes graphiques en Gaule méridionale (VI^e–I^{er} siècle av. J.-C.). In RUIZ DARASSE, Coline; LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón, eds. – *Contacts linguistiques dans l'Occident méditerranéen antique*. Madrid: Casa de Velázquez, pp. 197–226.
- BELTRÁN MARTÍNEZ, Antonio (1989) – El problema histórico de las acuñaciones de los celtíberos. El caso de las emisiones de Turiasu. *Turiaso*. 8, pp. 15–28.
- BILLY, Pierre-Henri (1993) – *Thesaurus Linguae Gallicae*. Hildesheim [etc.]: Olms-Weidmann.
- BREEZE, Andrew (2006) – Three Celtic toponyms: *Setantii*, *Blencathra*, and *Pen-y-Ghent*. *Northern History*. 43:1, pp. 161–165.
- CABANES, Pierre (1996) – Les noms latins dans les inscriptions grecques d'Épidamne-Dyrrhachion, d'Apollonia et de Bouthrôtos. In RIZAKIS, Athanasios, ed. – *Roman onomastics in the Greek East: social and political aspects*. Ἀθήνα: Κέντρον Ἑλληνικῆς καὶ Ρωμαϊκῆς Ἀρχαιότητος τοῦ Ἑθνικοῦ Ἰδρύματος Ἑρευνῶν; Paris: De Boccard, pp. 89–104.
- CAMODECA, Giuseppe; SOLDVIERI, Umberto (2019) – Le iscrizioni nell'area del teatro di Sessa Aurunca, parte prima. In SOLIN, Heikki, ed. – *Studi storico-epigrafici sul Lazio antico II*. Helsinki: Societas Scientiarum Fennica, pp. 2–18.
- CAMPAJO, Pierre; FERRER I JANÉ, Joan (2010) – Le nouveau corpus d'inscriptions ibériques rupestres de la Cerdagne (1): premiers résultats. *Palaeohispanica*. 10, pp. 249–274.
- CAMPS, Gabriel (2002–2003) [2005] – Liste onomastique libyque: nouvelle édition. *Antiquités Africaines*. 38–39, pp. 211–257.
- CARO BAROJA, Julio (1945) – *Materiales para una historia de la lengua vasca en su relación con la latina*. Salamanca: Universidad.
- CIL I² = LOMMATZSCH, Ernst, ed. (1918) – *Corpus Inscriptionum Latinarum. Inscriptiones Latinae antiquissimae. Pars II, fasc. I*. Berlin: Georg Reimer.
- CNH = VILLARONGA I GARRIGA, Leandre (1994) – *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1992) – Representación gráfica de la oposición de sonoridad en las oclusivas ibéricas (semisilabario levantino). *AIQN*. 14, pp. 253–291.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1993) – Antropónimos galos y ligures en inscripciones ibéricas. In ADIEGO LAJARA, Ignacio-Javier; SILES RUIZ, Jaime; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. – *Studia palaeohispanica et indogermanica J. Untermann ab amicis hispanicis oblata*. Barcelona: Universitat, pp. 101–116.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2018) – Crónica epigráfica del Sudeste II. *Palaeohispanica*. 18, pp. 219–234.
- CORZO SÁNCHEZ, Sebastián; PASTOR MUÑOZ, Mauricio; STYLOW, Armin U.; UNTERMANN, Jürgen (2007) [2008] – *Betatun*, la primera divinidad ibérica identificada. *Palaeohispanica*. 7, pp. 251–262.
- CRINITI, Nicola (1970) – *L'epigrafe di Asculum di Gn. Pompeo Strabone*. Milano: Editrice Vita e Pensiero.
- CURCHIN, Leonard A. (2010) – Toponimia antigua de Oretania y Bastitania. *Boletín del Instituto de Estudios Giennenses*. 201, pp. 11–25.
- CURCHIN, Leonard A. (2015) – *A supplement to The local magistrates of Roman Spain*. Waterloo: Ed. do Autor [livro electrónico].

- DCPH I = GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; BLÁZQUEZ CERRATO, Cruces (2001) [2002] – *Diccionario de cecas y pueblos hispánicos. Con una introducción a la numismática antigua de la Península Ibérica. Volumen I: introducción*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia (2002) [2003] – Centro y áreas laterales: la formación del celtibérico sobre el fondo del celta peninsular hispano. *Palaeohispanica*. 2, pp. 89–132.
- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia (2003a) – Los formularios teonímicos, *Bandus* con su correspondiente femenino *Bandua* y unas isoglosas célticas. *Conimbriga*. 42, pp. 197–212.
- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia (2003b) – Cib. to Luguei ‘hacia *Lugus*’ frente a Luguei ‘para *Lugus*’: sintaxis y divinidades en Peñalba de Villastar. *Emerita*. 76:2, pp. 181–196.
- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia (2013) – El Tercer Bronce de Botorrita, veinte años después. *Palaeohispanica*. 13, pp. 637–660.
- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia (2017) – Cuestiones de escritura en el celta de Hispania, Galia e Italia. *Palaeohispanica*. 17, pp. 251–277.
- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia; BURILLO MOZOTA, Francisco; SAIZ CARRASCO, María Esperanza; WEDE-NIG, Reinhold (2012) – Women potters — and their names — in Celtic-speaking areas. In ANREITER, Peter; BÁNFFY, Eszter; BARTOSIEWICZ, László; MEID, Wolfgang; METZNER-NEBELSICK, Carola, eds. – *Archaeological, cultural and linguistic heritage: Festschrift for Erzsébet Jerem in honour of her 70th birthday*. Budapest: Archaeolingua Alapítvány, pp. 115–134.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1989) – El desarrollo de la escritura y las lenguas de la zona meridional. In AUBET SEMMLER, María Eugenia, ed. – *Tartessos: arqueología protohistórica del Bajo Guadalquivir*. Sabadell: AUSA, pp. 523–587.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1995a) – Tartesio, fenicio y céltico 25 años después. In *Tartessos 25 años después 1968–1993. Actas del Congreso Conmemorativo del V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular*. Jerez de la Frontera: Ayuntamiento, pp. 591–607.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1995b) – Áreas lingüísticas y lenguas vehiculares en el extremo Mediterráneo occidental. In LANDI, Addolorata, ed. – *L’Italia e il Mediterraneo antico. Atti del Convegno della Società Italiana di Glottologia (Fisciano-Amalfi-Raito, 4–5–6 novembre 1993)*. Pisa: Giardini, pp. 11–44.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1989) – El desarrollo de la escritura y las lenguas de la zona meridional. In AUBET SEMMLER, María Eugenia, ed. – *Tartessos: arqueología protohistórica del Bajo Guadalquivir*. Sabadell: AUSA, pp. 523–587.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2001) [2002] – Sobre algunos problemas del estudio de las lenguas paleohispánicas. *Palaeohispanica*. 1, pp. 113–149.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2011) – *Historia lingüística de la Península Ibérica, II. El mundo ibérico prerromano y la indoeuropeización*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2018a) [2019a] – The linguistic situation in the territory of Andalusia. In SINNER, Alejandro G.; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. – *Palaeohispanic languages and epigraphies*. Oxford: Oxford University Press, pp. 138–159.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2018b) [2019b] – Method and methods: studying Palaeohispanic languages as a discipline. In SINNER, Alejandro G.; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. – *Palaeohispanic languages and epigraphies*. Oxford: Oxford University Press, pp. 1–24.
- DEGAVRE, Jean (1998) – *Lexique gaulois: recueil de mots attestés, transmis ou restitués et de leurs interprétations*. Bruxelles: Société Belge d’Études Celtiques.
- DELMARRE, Xavier (2007) – *Nomina celtica antiqua selecta inscriptionum: (noms de personnes celtiques dans l’épigraphie classique)*. Paris: Errance.
- DELMARRE, Xavier (2010–2012) – Notes d’onomastique vieille-celtique. *Keltische Forschungen*. 5, pp. 99–137.
- DELMARRE, Xavier (2012) – *Noms de lieux celtiques de l’Europe ancienne (–500 / +500)*. Arles: Errance.
- DELMARRE, Xavier (2017) – *Les noms des gaulois*. Paris: Les Cents Chemins.
- DELMARRE, Xavier (2019) – *Dictionnaire des thèmes nominaux du gaulois. I: Ab- / l̥s(o)-*. Paris: Les Cent Chemins.
- DLG = DELMARRE, Xavier (2003²) – *Dictionnaire de la langue gauloise: une approche linguistique du vieux-celtique continental*. 2^e édition revue et augmentée. (2001¹). Paris: Errance.
- EDCS = *Epigraphik-Datenbank Clauss / Slaby* < http://db.edcs.eu/epigr/epi_de.php >.
- EVANS, David Ellis (1967) – *Gaulish personal names: a study of some Continental Celtic formations*. Oxford: Clarendon.
- FABRE, Georges; BOST, Jean-Pierre (2010) – Pratiques onomastiques auscitaines. *Pallas*. 82, pp. 29–41.
- FARIA, António Marques de (1990–1991) – Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais. *Portugalia*. Nova série. 11–12, pp. 73–88.
- FARIA, António Marques de (1991a) – [Recensão de] UNTERMANN, J. – *Monumenta Linguarum Hispanicarum*.

- Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften.* Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990. *Conimbriga*. 30, pp. 187–197.
- FARIA, António Marques de (1991b) – Epigrafia monetária meridional. *Conimbriga*. 30, pp. 13–22.
- FARIA, António Marques de (1992a) – [Recensão de] VELAZA, Javier – *Léxico de inscripciones ibéricas: 1976–1989*. Barcelona, 1991, 204 p. *Conimbriga*. 31, pp. 191–195.
- FARIA, António Marques de (1992b) – Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. 1, pp. 39–48.
- FARIA, António Marques de (1992–1993) – Notas a algumas inscrições ibéricas recentemente publicadas. *Portugalia*. Nova série. 13–14, pp. 277–279.
- FARIA, António Marques de (1993) – A propósito do V Coloquio sobre *Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*. *Penélope*. 12, pp. 145–161.
- FARIA, António Marques de (1994a) – Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. 3, pp. 65–71.
- FARIA, António Marques de (1994b) – Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Nova série. 15, pp. 33–60.
- FARIA, António Marques de (1994c) – [Recensão de] VILLARONGA I GARRIGA, L. – *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*. Madrid, José A. Herrero, S. A., 1994. *Vipasca*. 3, pp. 121–124.
- FARIA, António Marques de (1995a) – Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. 4, pp. 79–88.
- FARIA, António Marques de (1995b) – Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Nova série. 16, pp. 323–330.
- FARIA, António Marques de (1996) – Nomes de magistrados em moedas hispânicas: correcções e aditamentos. *Conimbriga*. 35, pp. 149–187.
- FARIA, António Marques de (1997) – Apontamentos sobre onomástica paleo-hispânica. *Vipasca*. 6, pp. 105–114.
- FARIA, António Marques de (1998a) – [Recensão de] COLLANTES PÉREZ ARDÁ, E. (1997) – *Historia de las cecas de Hispania antigua*. [S.l.]: Arkis. *Vipasca*. 7, pp. 123–126.
- FARIA, António Marques de (1998b) – [Recensão de] QUINTANILLA NIÑO, Alberto – *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:2, pp. 232–240.
- FARIA, António Marques de (1998c) – Duas novas tésseras celtibéricas de procedência desconhecida. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:2, pp. 119–122.
- FARIA, António Marques de (1999) – Novas notas de onomástica hispânica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2:1, pp. 153–161.
- FARIA, António Marques de (2000a) – Onomástica paleo-hispânica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3:1, pp. 121–151.
- FARIA, António Marques de (2000b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3:2, pp. 61–66.
- FARIA, António Marques de (2001a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:1, pp. 95–107.
- FARIA, António Marques de (2001b) – [Recensão de] ARÉVALO GONZÁLEZ, A. – *La ciudad de Obulco: sus emisiones monetales*. Sigüenza: Librería Rayuela, 1999. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:1, pp. 206–212.
- FARIA, António Marques de (2002a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (4). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5:2, pp. 233–244.
- FARIA, António Marques de (2002b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5:1, pp. 121–146.
- FARIA, António Marques de (2003a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (5). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6:1, pp. 211–234.
- FARIA, António Marques de (2003b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (6). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6:2, pp. 313–334.
- FARIA, António Marques de (2004a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:1, pp. 273–315.
- FARIA, António Marques de (2004b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (8). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:2, pp. 175–192.
- FARIA, António Marques de (2005a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (9). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:1, pp. 163–175.
- FARIA, António Marques de (2005b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (10). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:2, pp. 273–292.
- FARIA, António Marques de (2005c) – [Recensão de] RIPOLLÉS, Pere Pau – *Monedas hispánicas de la Biblio-*

thèque Nationale de France. Madrid: Real Academia de la Historia; Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2005 (Bibliotheca Numismatica Hispana;1). 334 p. ISBN 84-95983-52-4. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:2, pp. 630–635.

FARIA, António Marques de (2006) – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (11). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 9:1, pp. 115–129.

FARIA, António Marques de (2007a) – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (12). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10:1, pp. 209–238.

FARIA, António Marques de (2007b) – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (13). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10:2, pp. 161–187.

FARIA, António Marques de (2008a) [2009a] – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (14). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11:1, pp. 57–102.

FARIA, António Marques de (2008b) [2009b] – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (15). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11:2, pp. 145–158.

FARIA, António Marques de (2009) [2010] – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (16). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12:2, pp. 157–175.

FARIA, António Marques de (2010) [2011] – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (17). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 13, pp. 89–106.

FARIA, António Marques de (2011) [2012] – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (18). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 14, pp. 147–186.

FARIA, António Marques de (2012) – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (19). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 15, pp. 87–112.

FARIA, António Marques de (2013) – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (20). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16, pp. 187–212.

FARIA, António Marques de (2014) – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (21). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 17, pp. 167–192.

FARIA, António Marques de (2015) – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (22). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 18, pp. 127–148.

FARIA, António Marques de (2016) – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (23). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 19, pp. 155–174.

FARIA, António Marques de (2016) [2017] – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (25). *Arse*. 50, pp. 109–139.

FARIA, António Marques de (2017) – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (24). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 20, pp. 83–99.

FARIA, António Marques de (2018a) – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (26). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 21, pp. 115–130.

FARIA, António Marques de (2018b) – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (27). *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 17, pp. 75–137.

FARIA, António Marques de (2019) – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (28). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 22, pp. 55–78.

FE 661 = ENCARNANÇA, José d'; MAXIMINO, Patrícia (2018) – Placa funerària romana de S. Vicente de Valongo – Évora (*Conventus Pacensis*). *Ficheiro Epigráfico*. 173, n.º 661.

FERRER I JANÉ, Joan (2005) [2006] – Novetats sobre el sistema dual de diferenciació gràfica de les oclusives sordes i sonores. *Palaeohispanica*. 5, pp. 957–982.

FERRER I JANÉ, Joan (2006) [2008] – Nova lectura de la inscripció ibèrica de La Joncosa (Jorba, Barcelona). *Veleia*. 23, pp. 129–170.

FERRER I JANÉ, Joan (2010) – La llengua i l'escriptura ibèrica a la Cerdanya. *Ker*. 4, pp. 50–59.

FERRER I JANÉ, Joan (2010) [2011] – El sistema dual de l'escriptura ibèrica sud-oriental. *Veleia*. 27, pp. 69–113.

FERRER I JANÉ, Joan (2012) – La lengua de las leyendas monetales ibéricas. In SINER, Alejandro G., ed. – *La moneda de los íberos: Ilturo y los talleres layetanos*. Premià de Mar: Ajuntament, Museu Municipal de l'Estampació, pp. 28–43.

FERRER I JANÉ, Joan (2013) – Los problemas de la hipótesis de la lengua ibérica como lengua vehicular. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 13, pp. 115–158.

FERRER I JANÉ, Joan (2017a) – El origen dual de las escrituras paleohispánicas: un nuevo modelo genealógico. *Palaeohispanica*. 17, pp. 55–94.

FERRER I JANÉ, Joan (2017b) – Nouveau corpus d'inscriptions ibériques rupestres de la Cerdagne (3): cinq inscriptions inédites. *Sources*. 5, pp. 7–21.

- FERRER I JANÉ, Joan (2018a) – El signo S65 de la escritura paleohispánica meridional: a propósito de la inscripción de la necrópolis de Piquía (Arjona, Jaén). *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 17, pp. 138–180.
- FERRER I JANÉ, Joan (2018b) – A la recerca dels teònims ibèrics: a propòsit d'una nova lectura d'una inscripció ibèrica rupestre d'Oceja (Cerdanya). In VALLEJO RUIZ, José María; IGARTUA UGARTE, Iván; GARCÍA CAS-TILLERO, Carlos, eds. – *Studia philologica et diachronica in honorem Joaquín Gorrochategui*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 101–126.
- FERRER I JANÉ, Joan (2018) [2019] – Le nouveau corpus d'inscriptions ibériques rupestres de la Cerdagne (4): nouveautés de 2017. *Sources*. 6, pp. 17–31.
- FERRER I JANÉ, Joan (2019) – Construint el panteó ibèric amb l'ajut de les inscripcions ibèriques rupestres. *Ker*. 13, pp. 42–57.
- FERRER I JANÉ, Joan; ESCRIVÀ TORRES, Vicent (2014) – Un plomo ibérico de Casinos (Valencia) con numerales léxicos y expresiones metrológicas. *Palaeohispanica*. 14, pp. 205–227.
- FERRER I JANÉ, Joan; SINNER, Alejandro G. (2019) – Baitolo, una doble inscripció ibèrica en un cepo de ancla de plomo del siglo I a.C. *Palaeohispanica*. 19, pp. 147–167.
- FERRER I JANÉ, Joan; SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, Marina (2017) – L'enigma B'òide al descobert: *kaštaum* i *baikar* en sengles inscripcions ibèriques sobre una tortera i un vaset de Camps de l'Hospital (Vilademuls). *Revista d'Arqueologia de Ponent*. 27, pp. 221–236.
- FERRER I JANÉ, Joan; VELAZA FRÍAS, Javier; OLESTI VILA, Oriol (2018) – Nuevas inscripciones rupestres latinas de Oceja y los *Illiviri* ibéricos de *Lulia Lybica*. *Dialogues d'Histoire Ancienne*. 44:1, pp. 169–195.
- GARCÍA ALONSO, Juan Luis (2003) – *La Península Ibérica en la Geografía de Claudio Ptolomeo*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- GAVRIELATOS, Andreas (2012) – *Names on Gallo-Roman terra sigillata (1st – 3rd c. A.D.)*. Leeds: The University of Leeds (School of Classics) <http://etheses.whiterose.ac.uk/4448/1/Gavrielatos_Thesis.pdf> [consulta: 06/01/20].
- GÓMEZ-MORENO MARTÍNEZ, Manuel (1949) – *Misceláneas. Historia-arte-arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (1984) – *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (1993) – Las lenguas de los pueblos paleohispánicos. In ALMAGRO GORBEA, Martín; RUIZ ZAPATERO, Gonzalo, eds. – *Los Celtas: Hispania e Europa*. Madrid: Actas, pp. 409–429.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (1995) – Basque names. In EICHLER, Ernst; HILTY, Gerold; LÖFFLER, Heinrich; STEGER, Hugo; ZGUSTA, Ladislav, eds. – *Namenforschung. Ein internationales Handbuch zur Onomastik. 1. Teilband*. Berlin–New York, NY: Walter de Gruyter, pp. 747–756.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (1995) [1997] – Los Pirineos entre Galia e Hispania: las lenguas. *Veleia*. 12, pp. 181–234.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (2002) – Las lenguas de los Pirineos en la antigüedad. In *Els substrats de la llengua catalana: una visió actual*. Barcelona: Societat Catalana de Llengua i Literatura, pp. 75–101.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín; VALLEJO RUIZ, José María (2018 [2019]) – The parts of Hispania without epigraphy. In SINNER, Alejandro G.; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. – *Palaeohispanic languages and epigraphies*. Oxford: Oxford University Press, pp. 335–364.
- GUITART I DURÁN, Josep; PERA I ISERN, Joaquim; MAYER I OLIVÉ, Marc; VELAZA FRÍAS, Javier (1996) – Noticia preliminar sobre una inscripció ibèrica encontrada en Guissona (Lleida). In VILLAR LIÉBANA, Francisco; ENCARNAÇÃO, José d', eds. – *La Hispania prerromana: actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13–15 de octubre de 1994)*. Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, pp. 163–170.
- IGLESIAS, Hector (2002) – Sur le toponyme Gasteiz: origine et signification. *Fontes Linguae Vasconum*. 89, pp. 129–138.
- ILA Auscii* = FABRE, Georges; LAPART, Jacques (2017) – *Inscriptions Latines d'Aquitaine (ILA): Auscii*. Bordeaux: Ausonius.
- IRIGOYEN ECHEVARRIA, Alfonso (1999) – Toponomástica y antroponimia del dominio lingüístico vascónico. In KREMER, Dieter, ed. – *Onomastik. Akten des 18. Internationalen Kongresses für Namenforschung, Trier, 12.–17. April 1993. Bd. 4. Personennamen und Ortsnamen*. Tübingen: Niemeyer, pp. 212–224.
- IRMN* = CASTILLO GARCÍA, Carmen; GÓMEZ-PANTOJA FERNÁNDEZ-SALGUERO, Joaquín; MAULEÓN, María Dolores (1981) – *Inscripciones romanas del Museo de Navarra*. Pamplona: Navarra (Comunidad Autónoma). Servicio de Prensa, Publicaciones y Relaciones Sociales.
- JORDÁN CÓLERA, Carlos (2004) – *Celtibérico*. Zaragoza: Universidad.
- JORDÁN CÓLERA, Carlos (2004) [2005] – *Chronica epigraphica celtiberica* III. *Palaeohispanica*. 4, pp. 285–323.

- JORDÁN CÓLERA, Carlos (2019) – *Lengua y epigrafía celtibéricas*. 2 vols. Zaragoza: Universidad.
- LEJEUNE, Michel (1955) – *Celtiberica*. Salamanca: Universidad.
- LEJEUNE, Michel; POUILLOUX, Jean; SOLIER, Yves (1988) – Etrusque et ionien archaïques sur un plomb de Pech Maho (Aude). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. 21, pp. 19–59.
- LUCHAIRE, Achille (1879) – *Études sur les idiomes pyrénéens de la région française*. Paris: Maisonneuve et C^{ie}.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2003) – Gaulish personal names: an update. *Études Celtiques*. 35, pp. 181–247.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón; LÓPEZ FERNÁNDEZ, Aránzazu (2016) – La cueva de La Camareta: revisión de epigrafía paleohispánica. *Palaeohispanica*. 16, pp. 247–259.
- MANACORDA Daniele (1994) – Produzione agricola, produzione ceramica e proprietà della terra nella Calabria romana tra Repubblica e Impero. In *Epigrafia della produzione e della distribuzione. Actes de la VI^e Rencontre franco-italienne sur l'épigraphie du monde romain (Rome, 5–6 juin 1992)*. Roma: École Française de Rome, pp. 3–59.
- MARTÍN DE LAS PUEBLAS RODRÍGUEZ, Jesús (2005) – Sobre la toponimia del valle de Benasque. *Alazet*. 17, pp. 135–182.
- MARTÍNEZ ARETA, Mikel (2018) – Indagaciones intergeneracionales en la antroponimia aquitana. *Anuario del Seminario de Filología Vasca «Julio de Urquijo»*. 52:1–2, pp. 517–552.
- MATASOVIĆ, Ranko (2009) – *Etymological dictionary of Proto-Celtic*. Leiden: Brill.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1997^s) – *Apellidos vascos*. 5.^a ed. (1953¹). San Sebastián: Txertoa.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1977²) – *Fonética histórica vasca*. 2.^a ed. (1961¹) San Sebastián: Diputación Foral de Guipúzcoa.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1969/1987) – Notas lingüísticas a “Colección diplomática de Irache”. *Fontes Linguae Vasconum*. 1, pp. 1–59 [= *Palabras y textos*. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 87–140].
- MLH I 1 = UNTERMANN, Jürgen (1975) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band I: Die Münzlegenden*. 1. Text. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH II = UNTERMANN, Jürgen (1980) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band II: die Inschriften in iberischer Schrift aus Südfrankreich*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 1 = UNTERMANN, Jürgen (1990) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien*. 1. *Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 2 = UNTERMANN, Jürgen (1990) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: Die iberischen Inschriften aus Spanien*. 2. *Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH IV = UNTERMANN, Jürgen (1997) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV: die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. [Unter Mitwirkung von Dagmar Wodtko]. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH V 1 = WODTKO, Dagmar (2000) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band V 1. Wörterbuch der keltiberischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH V 2 = MONCUNILL, Noemí; JAVIER VELAZA (2019) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band V, 2: Lexikon der iberischen Inschriften | Léxico de las inscripciones ibéricas*. Wiesbaden. Dr. Ludwig Reichert Verlag.
- MLH VI = UNTERMANN, Jürgen (2018) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band VI: die vorrömische einheimische Toponymie des antiken Hispanien*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2018) – Mujeres iberas en inscripciones latinas: estudio morfológico de los nombres femeninos en ibérico. In VALLEJO RUIZ, José María; IGARTUA UGARTE, Iván; GARCÍA CASTILLERO, Carlos, eds. – *Studia philologica et diachronica in honorem Joaquín Gorrochategui*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 331–358.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí; FERRER I JANÉ, Joan; GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (2016) – Nueva lectura de la inscripción ibérica sobre piedra conservada en el Museo de Cruzy (Hérault). *Veleia*. 33, pp. 259–274.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí; VELAZA FRÍAS, Javier (2016) – *Ibérico: lengua, escritura, epigrafía*. Zaragoza: Universidad.
- MULLEN, Alex; RUIZ DARASSE, Coline (2018) [2019] – Cultural and linguistic contacts in southern Gaul. In SINNER, Alejandro G.; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. – *Palaeohispanic languages and epigraphies*. Oxford: Oxford University Press, pp. 198–218.
- OLCINA DOMÉNECH, Manuel H. (2001) – Grafit ibèric. In *Legados/legats del MARQ*. Alicante: Museo Arqueológico Provincial, p. 32.
- OLIVER FOIX, Arturo (1978) – Epigrafía ibérica de la provincia de Castellón. *Saguntum*. 20, pp. 265–291.
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2006) – *Segmentación de textos ibéricos y distribución de los segmentos*. Tesis doctoral inédita, dirigida por J. de Hoz y R. Pedrero. Madrid: UNED (<https://www.academia.edu/1460016/Segmentaci%C3%B3n_de_textos_ib%C3%A9ricos_y_distribuci%C3%B3n_de_los_segmentos> [consulta: 27/12/19]).
- ORPUSTAN, Jean-Baptiste (1999) – *La langue basque au Moyen Age (IX^e–XV^e siècles)*. Baigorri: Izpegi.

- PACHÓN ROMERO Juan A.; FUENTES VÁZQUEZ Tadea; HINOJOSA PAREJA, Antonio R. (2004) – Plomo con leyenda ibérica de Los Allozos, Montejícar (Granada). *Habis*. 35, pp. 151–177.
- PENA GIMENO, María José (2002) – CLE republicanos: texto y contexto. In DEL HOYO, Javier; GÓMEZ PALLARÉS, Joan, eds. – *ASTA AC PELLEGE: 50 años de la publicación de Inscripciones Hispanas en Verso, de S. Mariner*. Madrid: Signifer Libros, pp. 47–62.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (2007) – Sobre la posible interpretación de algunos componentes de la onomástica ibérica. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 8, pp. 89–117.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (2009) – Topónimos hispánicos en grafía púnica. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 9, pp. 251–274.
- PÉREZ ROJAS, Manuel (1993) – Las inscripciones con escritura tartésica de la Cueva de La Camareta y su contexto onomástico (aportaciones sobre la “celtización” del mundo ibero-tartésico). In GONZÁLEZ BLANCO, Antonino; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Rafael; AMANTE SÁNCHEZ, Manuel, eds. – *La Cueva de La Camareta (Agramón, Hellín-Albacete)*. Murcia: Universidad, pp. 139–266.
- PÉREZ VILATELA, Luciano (1998) – *Au(n)tigi d'après un plomb greco-ibère de Sagonte (Valence)*. *Beiträge zur Namenforschung*. Neue Folge. 33:2, pp. 159–163.
- PETERSON, David (2004) – Primeras referencias a Guipúzcoa. *Fontes Linguae Vasconum*. 97, pp. 597–608.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2002) – *Lenguas y religiones prerromanas del occidente de la Península Ibérica*. Salamanca: Universidad.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2005) – Estudios sobre la fonética y la morfología de la lengua celtibérica. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; PRÓSPER PÉREZ, Blanca María – *Vascos, Celtas e Indoeuropeos: genes y lenguas*. Salamanca: Universidad, pp. 153–364.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2013) – Sifting the evidence: new interpretations on Celtic and non-Celtic personal names of western Hispania in the light of phonetics, composition and suffixation. In GARCÍA ALONSO, Juan Luis, ed. – *Continental Celtic word formation: the onomastic data*. Salamanca: Universidad, pp. 181–200.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2016) – *The Indo-European names of central Hispania: a study in continental Celtic and Latin word formation*. Innsbruck: Institut für Sprachen und Literaturen der Universität.
- REVILLA CALVO, Víctor; VELAZA FRÍAS, Javier (2019) – Sobre un esgrafiado con onomástica ibérica del Tossal de Cal Montblanc (Albesa, Lleida). *Palaeohispanica*. 19, pp. 189–195.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (1997) – Sobre el origen de la escritura celtibérica. *Kalathos*. 16, pp. 189–197.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2000) – Nuevas observaciones de crono-paleografía ibérica levantina. *Archivo Español de Arqueología*. 73, pp. 43–57.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2001–2002) [2003] – Okelakom, Sekeida, Bolšken. *Kalathos*. 20–21, pp. 429–434.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002a) [2003a] – Problemas y cuestiones metodológicas en la identificación de los compuestos de tipo onomástico de la lengua ibera. *Arse*. 36, pp. 15–50.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002b) [2003b] – Índice crítico de formantes de compuesto de tipo onomástico en la lengua ibera. *Cypselia*. 14, pp. 251–275.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002c) [2003c] – The lexeme *arś* in the Iberian onomastic system and language. *Beiträge zur Namenforschung*. Neue Folge. 37:3, pp. 245–277.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002–2003) [2004] – Revisión de algunas lecturas de las inscripciones íberas levantinas no monetales publicadas en los *Monumenta Linguarum Hispanicarum*. *Pyrenae*. 33–34, pp. 365–373.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002–2003) [2005] – ¿Existe el doble sufijo de “genitivo” -AR -EN en la lengua ibera?. *Quaderns de Prehistòria i Arqueologia de Castelló*. 23, pp. 251–255.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2005) – Introducció a l'estudi de les inscripcions ibèriques. *Revista de la Fundació Privada Catalana per a l'Arqueologia Ibèrica*. 1, pp. 13–144.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2007) [2008] – Ética y epigrafía: respuesta a Marques de Faria y observaciones sobre los antropónimos paleohispánicos en inscripciones latinas. *Arse*. 41, pp. 75–114.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2014) – Nuevo índice crítico de formantes de compuestos de tipo onomástico íberos. *ArqueoWeb*. Madrid. 15, pp. 81–238 < <http://webs.ucm.es/info/arqueoweb/pdf/15/RodriguezRamos.pdf> > [consulta: 12/04/19].
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2018) – Estudio de fenómenos consonánticos de la lengua ibera. *Veleia*. 35, pp. 189–211.
- RUBIO ORECILLA, Francisco J. (2003) [2004] – Acerca de nuevas y viejas inscripciones. *Palaeohispanica*. 3, pp. 141–161.
- SÁEZ BOLAÑO, José A.; BLANCO VILLERO, José M. (2001) – *Las monedas de la Bética romana, II: Conventus Hispaniensis*. San Fernando (Cádiz): Numismática Ávila.
- SAURA RAMI, José Antonio (2001) – El macrotopónimo vascónico Grist-Eriste: intento de explicación etimológica y conciliación fonética. *Fontes Linguae Vasconum*. 87, pp. 307–316.

- SCHMIDT, Karl Horst (1957) – Die Komposition in gallischen Personennamen. *Zeitschrift für Celtische Philologie*. 26:1–4, pp. 31–301.
- SILGO GAUCHE, Luis (1994) – *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana.
- SILGO GAUCHE, Luis (2000) – [Recensão de] A. QUINTANILLA NIÑO: «Estudios de Fonología Ibérica». *Veleia, Anejos Serie Minor* 11, Vitoria-Gasteiz 1998. 325 págs. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 3, pp. 279–293.
- SILGO GAUCHE, Luis (2001) – Grafitos ibéricos de El Palomar (Oliete, Teruel). *Palaeohispanica*. 1, pp. 347–352.
- SILGO GAUCHE, Luis (2009) [2010] – La antroponimia ibérica de la *Turma Salluitana*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12:2, pp. 139–155.
- SILGO GAUCHE, Luis (2013) – *Estudio de toponimia ibérica: la toponimia de las fuentes clásicas, monedas e inscripciones*. Valencia: Vision Libros.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2018) – Las abreviaturas de los nombres personales ibéricos en el bronce de Áscoli (CIL I² 709). *Mélanges de l'École Française de Rome – Antiquité*. 130:1, pp. 41–48.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2018) [2019] – La epigrafía de El Palomar de Oliete: cultura escrita en un poblado ibérico. *Revista d'Arqueologia de Ponent*. 28, pp. 11–30.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2019a) – Lenguas vernáculas de Hispania escritas en alfabeto latino: un episodio particular de la latinización. *Athenaeum*. 107:1, pp. 55–93.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2019b) – Las cartas ibéricas sobre plomo. *Analecta Papyrologica*. 31, pp. 95–126.
- SINNER, Alejandro G.; FERRER I JANÉ, Joan (2016) – Del oppidum de Burriac a las termas de Ca l'Arnau. Una aproximación a la lengua y a la identidad de los habitantes de Ilduro (Cabrera de Mar, Barcelona). *Archivo Español de Arqueología*. 89, pp. 193–223.
- SOLIN, Heikki (2007) – Mobilità socio-geografica nell'impero romano: orientali in Occidente: considerazioni isagogiche. In MAYER I OLIVÉ, Marc; BARATTA, Giulia; GUZMÁN ALMAGRO, Alexandra, eds. – *Acta XII Congressus Internationalis Epigraphiae Graecae et Latinae: Provinciae Imperii Romani inscriptionibus descriptae: Barcelona, 3–8 Septembris 2002*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, pp. 1363–1379.
- STÜBER, Karin (2013) – Remarks on the personal names. *Etudes Celtiques*. 39, pp. 161–168.
- TIR, J-29 = TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja J-29: Lisboa. Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Emerita, Scallabis, Pax Iulica, Gades. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Ministerio de Obras Públicas, Transportes y Medio Ambiente; Ministerio de Cultura, 1995.
- TIR, J-30 = TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja J-30: Valencia. Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Corduba, Hispalis, Carthago Nova, Astigi. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Ministerio de Fomento; Ministerio de Ciencia y Tecnología; Ministerio de Educación y Cultura, 2000 [2002].
- TORRES ORTIZ, Mariano (2002) – *Tartessos*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- TOVAR LLORENTE, Antonio (1951) – Léxico de las inscripciones ibéricas (celtibérico e ibérico). In *Estudios dedicados a Menéndez Pidal*, Tomo II. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 273–323.
- UNTERMANN, Jürgen (1962) – Áreas e movimientos lingüísticos na Hispânia pré-romana. *Revista de Guimarães*. 72, pp. 5–61.
- UNTERMANN, Jürgen (1987) – Repertorio antropónimo ibérico. *Archivo de Prehistoria Levantina*. 17, pp. 289–317.
- UNTERMANN, Jürgen (1995) – Die vorrömischen Namen in Hispanien und Aquitanien. In EICHLER, Ernst; HILTY, Gerold; LÖFFLER, Heinrich; STEGER, Hugo; ZGUSTA, Ladislav, eds. – *Namenforschung. Ein internationales Handbuch zur Onomastik*. 1. Teilband. Berlin; New York, NY: Walter de Gruyter, pp. 738–746.
- UNTERMANN, Jürgen (1996) – Onomástica. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; DE HOZ BRAVO, Javier; UNTERMANN, Jürgen, eds. – *El Tercer Bronce de Botorríta*. Zaragoza: Departamento de Educación y Cultura, Diputación General de Aragón, pp. 109–166.
- UNTERMANN, Jürgen (2001) – La toponimia antigua como fuente de las lenguas hispano-celtas. *Paleohispanica*. 1, pp. 187–218.
- UNTERMANN, Jürgen (2002) [2003] – Dos nuevos textos ibéricos del sur de Francia. *Palaeohispanica*. 2, pp. 355–361.
- UROZ RODRÍGUEZ, Héctor; VELAZA FRÍAS, Javier (2019) – Epigrafía ibérica de Libisosa. *Palaeohispanica*. 19, pp. 211–228.
- VALLEJO RUIZ, José María (2001) – Las fuentes literarias y la epigrafía: el caso de la onomástica personal. In HERNÁNDEZ GUERRA, Liborio; SAGREDO SAN EUSTAQUIO, Luis; SOLANA SAINZ, José María, eds. – *La Península Ibérica hace 2000 años: actas del I Congreso Internacional de Historia Antigua*. Valladolid: Universidad, pp. 401–407.
- VALLEJO RUIZ, José María (2005) – *Antroponimia indígena de la Lusitania romana*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.

VALLEJO RUIZ, José María (2010–2011) [2013] – [Recensão de] MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2010) – *Els noms personals ibèrics en l'epigrafia antiga de Catalunya*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans. *Faventia*. 32–33, pp. 341–343.

VELAZA FRÍAS, Javier (2018) [2019] – Iberian writing and language. In SINNER, Alejandro G.; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. – *Palaeohispanic languages and epigraphies*. Oxford: Oxford University Press, pp. 160–197.

VILLAR LIÉBANA, Francisco (2000) – *Indoeuropeos y no indoeuropeos en la Hispania prerromana: las poblaciones y las lenguas prerromanas de Andalucía, Cataluña y Aragón según la información que nos proporciona la toponimia*. Salamanca: Universidad.

WEISGERBER, Leo (1933) – Zur Inschrift von Nickenich. *Germania*. 17:1, pp. 14–22.